

ALEXANDRE MAGNO GUIMARÃES

**MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

UBERABA - MG

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ALEXANDRE MAGNO GUIMARÃES

**MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca examinadora de Pós Graduação em Educação Física da UFTM – Universidade Federal do Triangulo Mineiro, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, Linha Formação e Ação Profissional em Educação Física e Esportes.

ORIENTADOR – Prof Dr. Wagner Wey Moreira

UBERABA - MG

2012

GUIMARÃES, Alexandre Magno

G976 Meio Ambiente e Brincar: os saberes dos professores de Educação Física Escolar. Alexandre Magno Guimarães – 2012
137 f. ; tab.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Uberaba/MG
Orientador: Wagner Wey Moreira

1.Educação Física. 2. Educação Física para Crianças. 3.Meio Ambiente. 4. Brincadeiras. 5. Brinquedos Pedagógicos. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 613.71

ALEXANDRE MAGNO GUIMARÃES

**MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba/MG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Data de aprovação: 01 / 11 / 2012.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira - UFTM

Profa. Dra. Vilma Leni Nista-Piccolo - UFTM

Profa. Dra. Flávia B. Fiorante - FIEL

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Simone, companheira inseparável, que desde o início de nossa relação sempre esteve ao meu lado, seu incentivo, carinho, amor, paciência e competência foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Dedico aos meus filhos Julia e Vinicius, pelas horas de estudo e ausência, que não pude estar com eles.

Aos meus pais, que cada um da sua maneira contribuiu nesse longo caminho de estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me sustentar até aqui e colocar em meu caminho pessoas importantes que deram sentido a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Prof^o. Dr^o. Wagner Wey Moreira, que antes de me conduzir neste mestrado teve presença marcante na minha vida como amigo, professor e avô dos meus filhos. Agradeço por sua confiança desde o início, mostrando-me o caminho e me oferecendo apoio em todos os momentos. Meus sinceros agradecimentos.

A Prof^a. Dr^a. Regina Simões, agradeço de coração pelo aprendizado conquistado e por sua hospitalidade durante esses anos de curso.

A professora Dra. Vilma Leni Nista-Piccolo pela contribuição durante o curso e por compor a banca examinadora.

A professora Dra. Flávia B. Fiorante por longos anos de amizade e por estar presente na banca examinadora desta dissertação.

Aos professores do curso de Mestrado em Educação Física da UFTM pelos seus valorosos conhecimentos compartilhados.

A direção do Cepae, professora Dra. Maria José, por permitir a realização da pesquisa na instituição, assim como os professores sujeitos da pesquisa.

Aos meus amigos da subárea de Educação Física que organizaram os horários de aula para que eu pudesse cursar o mestrado e também, pela amizade construída e pelo conhecimento compartilhado.

Aos colegas do curso pelo companheirismo e novas amizades, em especial as amigas, Danielle, Simone e Thais pelos trabalhos realizados juntos.

Ao amigo Rones pela amizade e contribuições oferecidas na finalização deste trabalho.

A minha sogra Lúdia, por sua amizade e colaboração desde a graduação e agora na revisão deste trabalho.

A meus pais e irmãos, que mesmo distante significam muito.

Em especial a minha esposa Simone por ser parte da minha história junto com meus filhos, Julia e Vinicius.

RESUMO

A humanidade, durante toda a sua existência, enfrenta diversos momentos de crise. A crise advinda das mudanças ocorridas no meio ambiente tem se tornado foco de debates e pesquisas envolvendo diferentes áreas científicas. Essas mudanças sejam elas nos âmbitos social, político, urbano, cultural, econômico, ou em outros, afetam diretamente a humanidade, pois, essa relação homem e meio ambiente está presente desde a sua existência. Pensar essas alterações na área educacional se faz necessário, considerando que elas ocorrem de forma intensa, principalmente na área tecnológica. A presente dissertação tem como objetivos identificar as ideias dos professores de Educação Física escolar em relação ao meio ambiente e ao brincar; refletir sobre a influência das alterações ambientais no brincar. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter qualitativa, a partir da abordagem da análise de conteúdo denominada Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado construída por Moreira, Porto e Simões (2005). A concepção de meio ambiente apresentada pelos sujeitos da pesquisa mostrou uma mudança de atitude e do olhar sobre o tema, considerando o tema em sua amplitude e complexidade, o mesmo sobre o brincar e a formação profissional, confirmando por meio dos dizeres dos sujeitos entrevistados a importância do brincar no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente. A importante tarefa dos professores de Educação Física apresentada é poder se utilizar do brincar como meio de apreensão de conhecimentos e desenvolvimento humano e da inserção do tema meio ambiente nas aulas com a finalidade de gerar reflexões por parte dos alunos sobre assuntos que perpassam a sociedade da qual ele está inserido.

Palavras chave: Educação Física Escolar, Meio Ambiente, Brincar.

ABSTRACT

The humanity, throughout its existence, faces several moments of crisis. The crisis arising from changes in the environment has become a focus of debate and research involving different scientific areas. Whether these changes in the social, political, urban, cultural, economic, or other, directly affect mankind, because this relationship between man and environment is present since its existence. Think these changes in education is necessary, considering that they occur so intense, especially in technology. This thesis aims to identify the ideas of teachers of Physical Education in relation to the environment and to play; reflect on the influence of environmental change in the play. For this, we conducted a field survey of qualitative character, from the approach of content analysis technique called Design and Analysis of Meaning Units built by Moreira, Porto and Simões (2005). The design of the environment presented by the subjects showed a change in attitude and the look on the topic, considering the subject in its breadth and complexity, even on playing and training, confirming through the sayings of the individuals the importance of play in the development of children and adolescents. The important task of physical education teachers presented is able to use the play as a means of apprehension of knowledge and human development and inclusion of the topic in the classroom environment in order to generate reflections from students on topics that pervade society which it is inserted.

Keywords: Physical Education, Environment, Playing.

LISTA DE QUADROS/ FIGURAS/ TABELAS

Quadro 1: Relação as Universidades Federais do Estado de Minas Gerais que inclui o tema meio ambiente em suas disciplinas..... 61

Quadro 2: Referente a pergunta 1 da entrevista - Para você, quais os sentidos e o que significa brincar na vida da criança e do adolescente?..74

Quadro 3: Referente a pergunta 2 da entrevista - Para você, quais os sentidos e o que significa o tema meio ambiente?77

Quadro 4: Referente a pergunta 3 da entrevista - Para você, o brincar das Crianças e adolescentes tem sido alterado em função das modificações ambientais da sociedade atual? Sim? Não? Por quê?.....81

Quadro 5: Referente a pergunta 4 da entrevista - O conteúdo/conhecimento brincar deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?.....85

Quadro 6: Referente a pergunta 5 da entrevista - O tema meio ambiente deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?.....88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MEIO AMBIENTE: Crise e Mudança	18
2.1 Meio ambiente, Mídia, Avanços Tecnológicos e Educação.....	18
2.2 Meio ambiente, Escola e Educação Física.....	30
3 BRINCAR E MEIO AMBIENTE	36
3.1 A Criança no Ambiente Contemporâneo	37
3.2 O brincar e Suas Contribuições	49
4 EDUCAÇÃO FÍSICA, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E MEIO AMBIENTE: Desafios e Possibilidades	54
4.1 Desafios.....	54
4.2 Possibilidades	59
5 PERCURSO METODOLÓGICO	67
5.1 Tipo de Pesquisa	67
5.2 Local da Pesquisa	68
5.3 Sujeitos da Pesquisa	69
5.4 Instrumentos para a Pesquisa	70
6 RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA ...	72
6.1 Indicadores e Unidades de Significados: Convergências e Divergências	72
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
8 REFERÊNCIAS	95
9 APÊNDICES E ANEXOS	111

1 INTRODUÇÃO

*Se hoje tua mão não tem manga ou goiaba
Se a nossa pelada se foi com o dia...
...Se hoje você não estranha a crueza
Dos lagos sem peixe da rua vazia...
...Se hoje teus olhos vislumbram com medo
Você já não vê e eu juro que havia...
...Se deixo você no absurdo planeta
Sem pique-bandeira e pelada vadia
Fujo do teu olho, me abraça meu filho
Não sei se eu tentei
Mas, você merecia.*
Oswaldo Montenegro

A escolha da profissão é um acontecimento biográfico, faz parte da construção de um projeto de vida. Nesse sentido, a formação de um professor de Educação Física não poderia ser compreendida sem a alusão aos contextos que a tornaram possível. Assim, inicio essa introdução com um relato pessoal, pois as preocupações com as transformações da sociedade contemporânea que hoje tento inserir na minha prática profissional enquanto professor são percepções que não se afastam da minha história de vida.

Lembro-me com saudade da minha infância. Infância essa que para mim teve dois períodos, primeiro até os seis anos de idade que morei em um bairro próximo ao centro de Piracicaba. Nesse período alguns acontecimentos foram relevantes, como por exemplo: os parques e circos que eram montados em um terreno grande e plano do lado da casa; a convivência com os meus vizinhos Sr. Igor, dona Aracy e seus filhos, o Sr. Igor, já falecido, todo ano me dava de presente um caminhão de madeira tão grande que eu até cabia dentro; a confecção de bolas feitas de meia e pipas de jornal, as quais se se tornaram os principais brinquedos da minha infância.

O segundo período foi quando meus pais conseguiram comprar a tão esperada casa própria num bairro da periferia de Piracicaba, Jardim Jupιά. Essa foi a melhor época da minha vida. Mas, para minha mãe foi uma época muito difícil. No bairro não havia água encanada, rede de esgoto, ônibus, ou seja, ainda não havia a infraestrutura esperada. Porém, o que tinha nesse bairro era poucos carros, ruas livres e muitas árvores para brincar.

Hoje, como professor de Educação Física, entendo a importância que aquela época teve em minha vida e em meu desenvolvimento. Aquele bairro, mesmo sendo de classe média baixa, oferecia quase tudo o que era necessário para uma boa aprendizagem e vivência de movimentos, contribuindo dessa forma na construção do conhecimento e no desenvolvimento integral do ser criança.

Nesse período da minha infância, pude desfrutar de experiências que nos dias atuais dificilmente uma criança poderia vivenciar. Experiências essas que costumo compartilhar com meu filho Vinicius e minha filha Julia. Eu brincava quase que o dia inteiro. Afinal, segundo Gallahue e Ozmun (2003), brincar é o que a criança melhor sabe fazer, é o que ela faz quando não está comendo ou dormindo.

Eu tinha à minha disposição árvores, ruas sem carros, calçadas vazias, riachos, o rio de Piracicaba, canaviais nos quais eu ia com meus colegas e pegávamos cana para chupar sentados debaixo de uma mangueira. Chupar cana? Será que alguma criança sabe hoje o que é isso? Rua sem carros em que se possa brincar de mãe-da-rua?

Mas, não posso dizer que passei minha vida me importando com as questões relacionadas ao desenvolvimento infantil, em especial, com a importância do brincar para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança. Penso que a preocupação maior foi quando comecei a acompanhar o desenvolvimento dos meus filhos, como eles brincavam e com quem, isso me remetia à minha infância e de algum modo comecei a me cobrar em relação a disponibilizar aos meus filhos experiências parecidas em relação ao brincar.

Não sei discriminar que influências, do final da década de 70 e dos anos 80 do século passado, época da minha infância, foram determinantes na consolidação da minha paixão pela Educação Física. O certo é que sempre gostei de brincar mesmo quando já não era mais criança, brincava com as crianças e sempre adorei esportes, qualquer esporte. Também não considerava o estudo com rigor uma prioridade na minha vida até a graduação. Assim, imaginar-me em uma sala de aula como professor não havia passado pela minha cabeça.

Antes de prestar vestibular para Educação Física eu já trabalhava há dezesseis anos como diagramador/paginador do Jornal de Piracicaba. Já era

casado e pai de dois filhos. Na época do vestibular, a única coisa que eu sabia era que não queria nada relacionado com a área que eu já atuava. E com um grande apoio da minha esposa, que queria que eu fizesse um curso superior, fui fazer Educação Física. Em 2004 prestei vestibular na UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) em Piracicaba, cidade onde cresci e morei até o ano de 2010.

Trabalhava no jornal à noite e estudava de manhã. Era muito corrido: tinha que ir para a universidade, pegar os filhos na escola, dar almoço, buscar à tarde na escola, voltar para casa deixá-los com a babá e ir novamente trabalhar. Porém, quanto mais eu avançava no curso, mais eu tinha (pela primeira vez na minha vida) certeza de que estava no caminho certo em relação à escolha profissional.

No terceiro ano da graduação participei do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ) em Educação Física, na Faculdade de Educação Física da UNIMEP, denominado “Educação Física no Ensino Médio: a questão da Corporeidade”. Esse projeto propiciou um contato com a pesquisa e com referenciais teóricos que, até então não conhecia, como também propiciou uma base para a construção do trabalho de conclusão do curso. Porém, foi no último ano da graduação que tive contato com a disciplina sobre desenvolvimento infantil ministrada pela professora Dra. Rute Tolloka, com a qual conversei sobre minha angústia relacionada às questões do brincar na infância e de como as mudanças ambientais vinham afetando essa prática infantil. Dessas conversas, durante as aulas, surgiu a escolha do tema a ser pesquisado para o projeto de conclusão do curso, tema esse que venho estudando e desenvolvendo até então.

Ao concluir a graduação, direcionei-me para a realização de um curso mais específico; fiz especialização em Educação Física Escolar nas Faculdades Claretianas em Rio Claro/SP. Neste momento da minha trajetória formativa, tive a oportunidade de ser aluno da Professora Dra. Suraya Darido, além disso, participar de congressos e simpósios em que apresentei trabalhos sobre a temática “Fatores socioambientais e o brincar na infância”.

Mesmo trabalhando no Jornal de Piracicaba, assim que terminei a graduação fui convidado a ministrar as disciplinas de Fundamento Pedagógicos do Atletismo e Fundamentos Pedagógicos do Handebol na Faculdade de

Vinhedo - SP, instituição em que atuei de 2008 a 2010. Na condição de professor universitário, preocupado com a formação de outros docentes, muitas vezes questionei a minha prática e o meu papel como professor. Será que nos cursos de licenciatura, fazemos mesmo tudo que podemos para formar professores de Educação Física éticos, com olhar para o desenvolvimento integral e não apenas físico do aluno? A especialização que eu fazia me ajudava a refletir sobre as angústias da profissão docente.

Também em 2008, iniciei minhas atividades no Colégio ANGLO de Piracicaba, local em que lecionava a disciplina Educação Física para alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Nessa escola, o professor Cassiano Inforsato e eu, desenvolvemos projetos relacionados à saúde, à qualidade de vida e à cidadania.

No início de 2010, comecei a perceber que ainda faltava “alguma coisa” na minha formação e que eu precisava voltar às leituras acadêmicas que pudessem ampliar meu campo de atuação como professor de Educação Física (no Anglo) e como professor formador (na Faculdade de Vinhedo - SP). Assim, iniciei as leituras e os contatos com professores da UNESP no sentido de me preparar para o mestrado. Entendia que ainda tinha muito a aprender e que o mestrado daria outra fundamentação às práticas pedagógicas por mim idealizadas.

Porém, como nada na vida é certo, em agosto deixei todos esses empregos e a perspectiva de mestrado já em andamento e transfere-me para Goiânia, GO. Isso aconteceu por minha esposa ter sido aprovada em concurso público para professora Adjunto I na Universidade Federal de Goiás - UFG. Como seria uma boa oportunidade de crescimento profissional para ela resolvemos nos mudar e começar uma nova etapa em nossas vidas, eu, minha esposa Simone, minha filha Julia e meu filho Vinicius. Medo, incerteza, esperança, saudades, todos esses sentimentos me acompanharam.

Já em Goiânia, voltei a atuar profissionalmente, agora como professor substituto no CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação), colégio de aplicação da UFG e iniciei meu mestrado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

O relato anterior demonstra que minha atuação acadêmica/ profissional não parte de problemas que possam ser considerados puramente acadêmicos ou intelectuais, e sim daquilo que me incomoda como ser humano antes de estar incomodado como pesquisador/professor. Além disso, posso dizer que nessa nova etapa acadêmica os objetos da investigação não estão postos ou dados; eles foram construídos e não se desvinculam da minha história.

A partir das reflexões e do relato de vida apresentados até aqui, surgiram os questionamentos que me moveram nesse mestrado: será que o professor de Educação Física do Ensino Fundamental leva em consideração, em suas aulas, a realidade ambiental e a influência dessa realidade no brincar dos alunos? Essas mudanças na estrutura do meio ambiente e no brincar tem sido consideradas em sala de aula? Além disso, será que o brincar nas aulas de Educação Física escolar podem contribuir com as discussões sobre a temática ambiental?

Tendo como pano de fundo essas inquietações, agora transformadas em um problema de pesquisa para uma dissertação de mestrado, os objetivos propostos para o presente trabalho foram:

- a) Apresentar um levantamento bibliográfico sobre: meio ambiente, brincar, atuação profissional do professor de Educação Física;
- b) Identificar as ideias dos professores de Educação Física que trabalham na Educação Infantil e no Ensino Fundamental do CEPAE - UFG sobre a relação meio ambiente e brincar;
- c) Refletir sobre a influência das alterações ambientais no brincar;

A presente proposta teve dois momentos distintos no seu processo de elaboração. O primeiro foi caracterizado pelo levantamento bibliográfico relacionado ao meio ambiente, ao brincar e à relação dessas temáticas com a atuação profissional do professor de Educação Física.

O segundo momento foi caracterizado por uma pesquisa de campo de natureza exploratória com professores de Educação Física que atuam com o Ensino Fundamental do CEPAE – UFG, professores esses que atuam em todas as fases da educação básica, no sentido de identificar suas compreensões sobre meio ambiente, brincar e suas relações. Os

procedimentos metodológicos adotados para o enquadramento da pesquisa nos moldes do rigor científico constam na seção V. Sendo assim, são explicados: o tipo de estudo, os instrumentos da pesquisa, os critérios adotados para a inclusão dos sujeitos, os procedimentos para a coleta de dados e também a aplicação da técnica de análise dos mesmos.

Acreditamos que os impactos das transformações ambientais sobre o brincar na infância devem ser debatidos sem “brincadeira”, com o rigor metodológico e epistemológico que deve integrar um tema fadado a influenciar a formação motora, intelectual e afetiva dos seres humanos.

2 MEIO AMBIENTE: CRISE E MUDANÇA

2.1 – Meio ambiente, Mídia, Avanços Tecnológicos e Educação.

No primeiro ou segundo dia, todos nós apontávamos para os nossos países. No terceiro ou quarto dia, estávamos apontando para os nossos continentes. No quinto dia, só percebíamos uma única Terra.
(Príncipe sultão Bin Salmon Al-saud, astronauta da Arábia Saudita)

A questão ambiental tem o tempo da história do homem no planeta, mas os problemas relacionados a essas questões emergiram como crise nas últimas décadas do século XX com a intensificação da produção, do consumo e do descarte (GUIMARÃES, 2009). A intensificação dessa tríade interfere na qualidade do ambiente e destaca a relação que os seres humanos estabelecem com esse. O trato da questão ambiental é aqui entendido como o adotado por Turra (2008, p.60) que diz:

São denominados *questões* os problemas e as situações cujo entendimento e cujas possíveis soluções não podem ser contemplados por um único campo de conhecimento. São interrogações à busca de compreensão e de respostas, que marcam períodos da história, mobilizando o conjunto de suas forças vivas.

Para iniciar uma discussão ambiental, tentando entender qual sua implicação no brincar na Educação Física, é necessário indicar o que entendemos por meio ambiente, pois, mesmo estando em evidência principalmente na mídia, a expressão, embora muito conhecida, não apresenta clareza ou consenso em seu significado. Antunes, (1998, p.17), afirma que a cultura adquirida pelo ser humano é que vai determinar seu entendimento sobre meio ambiente, “é a ação criativa do ser humano que vai determinar aquilo que deve e que não deve ser entendido como meio ambiente”.

Moraes (2009), entende que o conhecimento relacionado às questões ambientais vem se solidificando teoricamente, mas a comunidade científica não apresenta ainda um consenso sobre seu significado. Os diferentes significados

influenciam diferentes concepções individuais formuladas a respeito do meio ambiente e essas concepções podem determinar nossas ações.

Para Trigueiro (2003) um erro bastante comum é relacionar a expressão meio ambiente como sinônimo de fauna ou flora. Isso, de acordo com o autor é um problema, pois corrobora com a percepção que a maioria dos brasileiros tem de meio ambiente como algo fora, que não nos inclui. Entender o ser humano como parte deste meio ambiente é reconhecer a corporeidade existente em cada um, é falar do homem como ser no mundo e suas relações, (SANTIN, 2003), e se consideramos que esse mundo é o ambiente no qual vivemos, como podemos pensar o ambiente como algo fora, algo que não nos inclui?

Essa relação entre homem/meio ambiente ou mesmo o significado deste termo pode sofrer alterações, considerando que a existência de diversas culturas pode determinar que a mesma palavra tenha diferentes significados. Além disso, muitas vezes o significado da palavra é dado pela pessoa que a utiliza, como indica Travassos (2004, p. 30) “as diversas culturas criadas pelo homem em ambientes diferentes levam o mesmo a ter uma consciência própria sobre o que é educação ambiental e o que é o meio ambiente”.

Entendemos que a expressão meio ambiente vai além de preservar a fauna, a flora e a natureza. Todas as questões que perpassam por nossas vidas durante nossa existência no planeta estão inseridas na complexidade ambiental, “uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos” (LEFF, 2002b, p. 224). Questões culturais, sociais, econômicas, políticas, entre outras, fazem parte do meio ambiente. A consciência ambiental se dá quando há o entendimento que cada um é parte de um todo, com as relações estabelecidas com tudo que nos cerca. O meio ambiente atinge de forma transversal todas as áreas de conhecimento (TRIGUEIRO, 2003).

Pensando nas diversas definições de meio ambiente podemos encontrar tanto ideias simples, que indicam o meio ambiente apenas como lugar ou como o meio que circunda determinadas espécies (GUIMARÃES, 2006), bem como, encontrar também algumas ideias de meio ambiente que acreditamos pertinentes para esse trabalho. Para Reigota (2009, p. 36), por exemplo, meio ambiente pode ser um lugar determinado ou percebido, afirmando:

(...) onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológicas e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade.

Já Leff (2002b, p.160) entende que o meio ambiente não é apenas o lugar que circunda as espécies biológicas “é uma categoria sociológica (e não biológica), relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, bem como por novos potenciais produtivos”.

Esses esclarecimentos e posicionamentos em relação ao conceito de meio ambiente são relevantes, pois, se considerarmos que as pessoas pensam e agem, modificando seu ambiente a partir dos paradigmas inscritos nelas, nosso entendimento em relação ao conceito de meio ambiente acaba distorcendo nossas ações. Para Morin (2000), os paradigmas podem ser considerados princípios ocultos que governam a nossa visão do mundo e das coisas do mundo sem que disso tenhamos consciência. Nesse sentido, se não consideramos o ser humano presente nas relações com o meio ambiente não nos preocupamos com ele, imaginando que para viver bem basta apenas cuidar daquilo que é de interesse próprio.

A partir do esclarecimento relacionado às representações que assumimos na expressão meio ambiente, podemos retomar as discussões sobre as mudanças ambientais para estabelecer, posteriormente, as relações com o brincar na infância. Pelas evidências manifestadas sobre o uso polissêmico da expressão meio ambiente, entendemos que uma representação social carrega preconceitos, ideologias e características específicas sociais e profissionais das pessoas, além de serem dinâmicas e evoluírem rapidamente. O que está por trás da expressão tende então a mudar, tende a evoluir, dependendo do grupo social que a utiliza (REIGOTA, 2001b).

Historicamente podemos perceber que durante seu processo evolutivo a humanidade realizou conquistas e descobertas (fogo, papel, carro, ônibus espaciais, entre outras) utilizadas para a manutenção e preservação da sua

existência, acumulando conhecimentos que foram transmitidos às novas gerações e disseminados por diferentes culturas.

Algumas dessas conquistas causaram impactos ambientais. Alguns historiadores indicam que Augusto, imperador romano, possuía 3.500 animais selvagens em sua coleção. Relatos também indicam que 9.000 animais foram mortos na inauguração do Coliseu e mais de 11 mil nas comemorações de Trajano sobre Dácia (DUARTE apud GUIMARÃES, 2009). Mais um exemplo indicado pela autora foi a exploração de cedro no Líbano na época dos faraós, o que extinguiu florestas lá existentes.

Com esses exemplos, percebemos que os impactos antrópicos no ambiente remontam de longa data. Porém, a intensidade com que essas alterações vêm ocorrendo é preocupante. Na busca em suprir suas necessidades e compensar a escassez de dons naturais, o ser humano, desde o início de sua existência, fabrica e cria utensílios ou ferramentas para seus afazeres diários se tornarem mais eficazes, melhores e rápidos. Sagan (1998, p.150) diz que;

A inteligência e a fabricação de ferramentas foram nossas fortalezas desde o início. Usávamos esses talentos para compensar a escassez de dons naturais – velocidade, vôo, peçonha, capacidade de cavar e tudo mais – generosamente distribuídos aos outros animais, ao que parecia, e cruelmente negados a nós. Desde a época da domesticação do fogo e da elaboração das ferramentas de pedra, era obvio que nossas habilidades poderiam ser usadas tanto para o bem como para o mal. Mas foi só recentemente que começamos a compreender que até o uso benigno de nossa inteligência e nossas ferramentas – por não sermos bastante inteligentes para prever todas as conseqüências – poderia nos colocar numa situação de risco.

Essas conquistas e descobertas além de benefícios para humanidade trouxeram conseqüências que se intensificaram como crise e agora a vida no mundo se vê numa situação de risco. Como diz Morin (2000) a humanidade viveu durante dezenas de anos acreditando que o crescimento econômico traz desenvolvimento social, humano e aumenta a qualidade de vida e que tudo isso constitui o progresso, mas atualmente começamos a perceber que a busca

cega pelo progresso e o desenvolvimento a qualquer preço são os problemas centrais na crise ambiental com a qual nos deparamos (GUIMARÃES, 2009).

Entendemos que a problemática ambiental tornou-se nas últimas décadas do século XX uma crise de civilização, ou ainda nas palavras de Leff (2003, p. 16):

A crise ecológica é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Esta crise se apresenta a nós como um limite no real que re-significa e re-orienta o curso da história: limite do crescimento econômico e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social. Mas também crise do pensamento ocidental: da “determinação metafísica” que, ao pensar o ser como ente, abriu a via da racionalidade científica e instrumental que produziu a modernidade como uma ordem coisificada e fragmentada, como formas de domínio e controle sobre o mundo.

Mas, a crise civilizatória não é ideologicamente neutra nem alheia aos interesses políticos, econômicos e sociais (GUIMARÃES, 2009). É a crise de um modelo de sociedade e seu modo de produção, que criam necessidades e estimulam o consumo de quem pode pagar por ele. Porém, ao mesmo tempo exclui a grande parcela dos seres humanos incapazes, financeiramente, de entrar nesse sistema.

No sentido de minimizar essa crise, e para destacar o assunto, a problemática ambiental ganha repercussão mundial a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972. Neste evento surgem movimentos de cunho ambientalista no mundo para discutir a questão ambiental. Como resultado das discussões desses movimentos, e no sentido de minimizar o impacto ambiental, a educação é escolhida como o pilar central para a implantação de novos valores e comportamentos sociais para garantir a harmonia entre o desenvolvimento e a natureza, utilizando-se de princípios como racionalidade, solidariedade, responsabilidade, cooperação e participação (TOZONI-REIS, 2008; GRÜN, 2003).

Mesmo com essa “escolha” e com a inclusão da temática ambiental dentro das escolas, prioritariamente com programas de Educação Ambiental, o que percebemos é que as mudanças foram pontuais e discussões amplas e complexas não chegaram a ser realizadas. Nas escolas brasileiras desde 1998 a temática é oficializada com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), e um dos temas considerados transversais nesse material é exatamente o Meio Ambiente. No entanto, o material apresenta uma discussão superficial da temática e pouco envolve as discussões complexas que levam em consideração aspectos civilizacionais e não só os aspectos ecológicos da crise. Leff (2002b, p.59) faz um alerta, enfatizando a necessidade de envolver nessa discussão diversas esferas presentes na sociedade “questionando a racionalidade econômica e tecnológica dominantes”. Ainda para o autor essa crise pode ser percebida de duas maneiras:

Por um lado, é percebida como resultado da pressão exercida pelo crescimento da população sobre os limitados recursos da natureza. Por outro, é interpretada como o efeito da acumulação de capital e a maximização da taxa de lucro a curto prazo, que induzem a padrões tecnológicos de uso e ritmos de exploração da natureza, bem como formas de consumo, que vêm esgotando as reservas de recursos naturais, degradando a fertilidade dos solos e afetando as condições de regeneração dos ecossistemas naturais. (p. 59)

Essa racionalidade influencia vários aspectos da vida humana e proporciona mudanças que podem em determinado momento comprometer a própria vida. Se pensarmos que a nossa existência nos torna parte deste meio ambiente, podemos entender que o humano que manifesta essa vida sofre com a deterioração imposta por ele ao ambiente.

Verticalizando a temática, podemos pensar agora em como a discussão sobre o meio ambiente vem chegando às crianças e aos adolescentes. Será que a maior parte das informações sobre as questões ambientais com as quais os alunos têm contato são veiculada pelas mídias ou são discutidas na e pela escola?. Esse questionamento é relevante pois as informações midiáticas nem sempre apresentam a temática ambiental da melhor maneira. Trigueiro (2003,

p.75) ressalta que “não é mais possível pensar o mundo em que vivemos sem considerar os impactos crescentes de uma mídia cada vez mais onipresente, sofisticada e instantânea”. Porém, ao mesmo tempo, Loureiro, Layrargues e Castro (2002, p.25) indica o comportamento da mídia com relação às questões do meio ambiente quando afirma:

A mídia, que desempenha fundamental papel na era da informação, não tem proporcionado o devido espaço a problemática, situando-a isoladamente, em uma narrativa que tende a expressar-se como dramática, romântica e apolítica. Além disso, incorre no equívoco de trazer para o indivíduo e para o plano comportamental a responsabilidade pela crise ecológica. A apresentação dos desastres ambientais parece dificultar aos espectadores o estabelecimento de nexos entre o fato e a dinâmica social.

Além dessa abordagem sobre o meio ambiente, a mídia tem um olhar diferente sobre o ser humano, agora visto não só como cidadão, mas, como consumidor, como afirma Loureiro, Layrargues e Castro (2002). Sabemos que o papel básico de um consumidor é consumir, e nesse sistema, o papel das mídias acaba sendo o de trabalhar informações que possam criar “necessidades” ao consumidor.

Se nos apropriarmos do conceito de Indústria Cultural para entender essa relação, vamos perceber que a informação desta “indústria” colabora com o aumento da exploração dos seres humanos sobre a natureza, agora vista como um objeto dessa indústria, assim como os consumidores. Para Adorno e Horkheimer apud Guimarães (2009) o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida. E as necessidades produzidas precisam ser saciadas pelo consumo. Ainda para Guimarães (2009, p.41)

Os objetos em que se transformam seres humanos e natureza são manipulados pela propaganda que estimula um consumo inútil, que descapitaliza a natureza (bem comum) e capitaliza monetariamente uma pequena parcela da sociedade (principalmente Ocidental) que detém o controle desta indústria.

A importância dos meios de comunicação é inegável, assim como a influência que ela exerce sobre a sociedade em geral. Dos meios de comunicação de massa existentes, a televisão é líder em termos de prestígio e abrangência nos lares familiares (KENSKI, 2007). A televisão foi, dos meios de comunicação, a que alcançou resultados impressionantes com relação aos outros meios, Trigueiro (2003, p.75), relata que em um relatório da UNESCO, lançado em 2001, “no ano de 1996 estimava-se que sete de cada dez domicílios em todo o mundo possuíam um aparelho de televisão”. Ainda, segundo o relatório, “se tornando o principal meio de comunicação de massa depois do rádio”.

O alcance da mídia, para não dizer seu poder, é indiscutível. Ela pode ser vista como uma forma de entretenimento, para transmitir ou ainda como uma ferramenta poderosa para influenciar os hábitos das pessoas em suas diversas esferas. O estímulo ao consumo, por exemplo, que advém dos meios de comunicação, está presente nas camadas sociais e busca alcançar diferentes faixas etárias (NUNES, 2007), tornando-se um aliado ao avanço e mudanças no meio ambiente.

Em uma breve análise sobre a semântica da palavra consumo, observamos sua presença na história da humanidade em seus diferentes significados. No dicionário Michaelis, um dos significados da palavra consumo é a de “o ato de consumir”, que no mesmo, consumir significa “fazer uso de; utilizar; ingerir (comida ou bebidas)”. Desde sua criação ou evolução o ser humano consome, faz uso daquilo que era e é necessário para sua sobrevivência: da caça, da pesca, da coleta de frutos, das sementes e raízes, e da confecção e utilização de objetos de pedra lascada, ossos e dentes de animais.

“O consumo é essencial para a vida humana, visto que cada um de nós é consumidor” (FELDMANN, 2003, p. 148). Esse mesmo autor adverte que o problema não é o consumo em si, mas sim a maneira como ele é exercido pela sociedade. O consumo mundial tem crescido num ritmo acelerado e o alerta que se faz, em tom de emergência, é referente ao comportamento de cada indivíduo. Um dos problemas apontado é a respeito do perfil de desigualdade no consumo mundial, como podemos observar no PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) apud Feldmann (2003, p.148);

À medida que 20% da população mundial nos países de mais alto rendimento totalizam 86% das despesas de consumo privado, e os 20% mais pobres, um minúsculo 1,3%. Mais especificamente, o quinto mais rico da população consome 45% de toda carne e peixe (o quinto mais pobre, 5%), 58% da energia total (o quinto mais pobre, menos de 4%), tem 74% de todas as linhas telefônicas (o quinto mais pobre, 1,5%), consome 84% de todo o papel (o quinto mais pobre 1,5%), possui 87% da frota de veículos a nível mundial (o quinto mais pobre, menos de 1%).

Os dados indicam a desigualdade social e econômica presentes em diversos países e também dentro de um próprio país no mundo. Também é importante refletir sobre o consumo exagerado manifestado na “universalização de estilos de vida” (FELDMANN, 2003, p. 148). Na atualidade o consumo está assumindo outro significado, o de consumismo, que também pode significar consumista, que quer dizer “consumo exagerado e supérfluo de bens; consumista” (HOUAISS, 2009).

A questão não é quem consome, pois somos consumidores e fazemos o uso de bens e produtos para a nossa sobrevivência, mais sim, que em busca de um estilo de vida melhor ou aceitável nos padrões da sociedade, a humanidade vem se tornando cada vez mais consumista. Nesse sentido, Retondar (2008, p.138), afirma;

A sociedade de consumo caracteriza-se, antes de tudo, pelo desejo socialmente expandido da aquisição “do supérfluo”, do excedente, do luxo. Do mesmo modo, se estrutura pela marca da insaciabilidade, da constante insatisfação, onde uma necessidade preliminarmente satisfeita gera quase automaticamente outra necessidade, num ciclo que não se esgota, num *continuum* onde o final do ato consumista é o próprio desejo de consumo.

A busca dos seres humanos por um estilo de vida melhor é caracterizado por padrões sociais e de consumo baseados em pesquisas de mercado, visando oferecer objetos como computadores, carros, celulares, roupas, enfim, uma infinidade de produtos no sentido de suprir as

necessidades e desejos criados por uma sociedade que depende dessa economia para sua existência (FELDMANN, 2003).

A mídia aparece novamente exercendo uma influência significativa quando o assunto é consumo. As agências de publicidade e propaganda utilizam de todos os meios de comunicação possíveis para fazer chegar até a população o seu produto, e mais, procuram também convencer de todas as maneiras que sua aquisição é indispensável para sua vida. Para entendermos melhor a cultura ou a ideologia que rege a publicidade vamos nos remeter as palavras de Souza, (1998, p. 90), quando afirma; “Mais vale um desejo que dez necessidades. O marketing genuíno, de qualidade, procura as melhores oportunidades mais no território do desejo do que no das necessidades”.

O consumo se manifesta pela necessidade e pelo desejo. Vamos utilizar o brincar e o esporte (esporte como prática de lazer e qualidade de vida), como exemplo, para demonstrar como nessa sociedade em constantes modificações somos levados ao consumo. Com o crescimento urbano, o brincar, o esporte ou lazer que não apenas desejamos, mas precisamos para o nosso desenvolvimento humano, são oferecidos por empresas como produto de consumo. Pela falta de espaço elas lucram projetados espaços para essas práticas e as pessoas pagam para que possam fazer uso destes locais de entretenimento.

Como explicitado anteriormente, a mídia pode criar meios de mostrar nossas necessidades a todo o momento e os bens de consumo são adquiridos não só pela sua utilidade prática, mas também pelo status que vão propiciar.

Para Souza et al (2007, p. 8);

A obsolescência relaciona-se intimamente com o domínio da cultura da produção e do consumo insaciável e ilimitado. Essa estratégia, calcada nas racionalidades econômica e tecnológica, estimula a desatualização e o descarte de tudo: roupas, móveis, eletrodomésticos, eletrônicos, automóveis, serviços, ideias, profissionais entre outros.

Essa lógica consumo/descarte presente na racionalidade econômica dominante impacta o ambiente e compromete a vida, Não queremos um automóvel, por exemplo, como meio de transporte, queremos o automóvel do

ano, apresentado nos comerciais de TV e essa TV seja de LCD ou LED de preferência. Possuir o que é moderno tornou-se status e afirmação social, como nos esclarece D'angelo (2004, p. 23),

Nessa nova ordem, os objetos de consumo deixam de ser privilégio de alguns e passam a ser aspiração de todos. De elementos funcionais ou de mera sinalização de status, ganham, gradativamente, significados novos, reflexo da celeridade das mudanças sociais e das novas esferas de manifestação e expressa coletivas e individuais.

No momento atual, temos nos equipamentos eletrônicos o reflexo desse pensar. Eles ao mesmo tempo se tornam necessários e também adquirem o sentido de status. Dispositivos eletrônicos, como: celulares, Ipod, MP3, jogos eletrônicos estão presentes nos lares, empresas e inclusive nas escolas.

As potencialidades dessas novas tecnologias são impressionantes e estão presentes em várias áreas da sociedade, podendo notar sua presença também na educação, como as tecnologias de informação e comunicação, as TIC's (KENSKI, 2007). Porto (2006, p. 3) cita a rapidez como uma das potencialidades desses avanços tecnológicos. Para a autora, "a rapidez com que são disponibilizadas e processadas as informações é uma das características das novas tecnologias. As informações chegam até nós como não imaginávamos há vinte anos".

O acesso a essa informação é quase que imediato com o uso correto da tecnologia. Não precisamos de muitos exemplos para entender essa rapidez. Como cita a autora, há vinte anos para se realizar uma tarefa escolar era preciso muito trabalho. Hoje, com a internet na maioria dos lares, o assunto é pesquisado sem precisar sair de casa. O significado de uma palavra, a localização de um país ou cidade, todas informações que são conseguidas em poucos segundos com os novos aparelhos moveis que permitem acesso à internet e conseqüentemente a muitos dados.

A autora ainda cita outras potencialidades como: interatividade e participação, realidade virtual, entre outras, buscando propor uma reflexão

sobre as relações entre as tecnologias, que estão mais que presentes em nossa sociedade, e a ação educativa. Ou ainda:

Refiro-me a estas não apenas como equipamentos e/ou ferramentas, mas como um conjunto de processos usados em interação entre pessoas, que põem em discussão questões individuais, referentes aos interesses e subjetividades dos sujeitos, e questões coletivas, referentes aos contextos socioculturais dos indivíduos. Assim, as tecnologias de informação e/ou comunicação possibilitam ao indivíduo ter acesso a uma ampla gama de informações e complexidades de um contexto (próximo ou distante) que, num processo educativo, pode servir como elemento de aprendizagem, como espaço de socialização, gerando saberes e conhecimentos científicos. (PORTO, 2006, p. 3)

Percebemos que o avanço da humanidade caminhou na busca de satisfazer suas necessidades, tanto de sobrevivência como de encontrar respostas para os mistérios do universo, trazendo para a humanidade condições favoráveis para a preservação da espécie humana no planeta, mesmo sabendo que algumas invenções podem acabar com esse propósito, como as armas nucleares. Esses avanços devem estar à serviço da humanidade para o seu progresso e desenvolvimento, auxiliando em seu processo de autonomia e emancipação sem aprisioná-la, num processo contínuo de produzir para consumir.

O ser humano e sua existencialidade manifestada no corpo são para a sociedade contemporânea dominadora, por meio do poder que ela exerce, alvo de interesse ligado à sua eficiência e utilidade, dando ao corpo o sentido de objeto, impondo a ele proibições, obrigações, perfeição, explicações e limitações (INFORSATO E FIORANTE, 2010; MOREIRA, 2000).

As mudanças apresentadas, ocorridas na atualidade, mostram a valorização da inteligência, da busca por descobertas, da satisfação individualizada, caminhando distante de se preocupar com as experiências sensíveis proporcionadas pelas relações ser humano e mundo, da corporeidade vivida. Entendemos que conhecer a complexidade do termo meio ambiente, assim como as consequências das relações do ser humano com o mesmo, é fundamental para fomentar o processo educacional com reflexões

sobre essas questões ambientais. Talvez isso possa obrigar a Educação Física a rever seus conceitos, seus valores e atitudes de seus atores em suas práticas profissionais.

2.2 – Meio Ambiente, Escola e Educação Física.

A escola tem como função primeira formar o cidadão, procurando inserir esse indivíduo na sociedade. Isto implica em oferecer uma formação que possibilite condições as quais atendam esse cidadão em um contexto global. Reigota (2002, p.79), afirma que:

A escola tem sido historicamente o espaço indicado para a discussão e o aprendizado de vários temas urgentes e de atualidade como resultado da sua importância na formação dos cidadãos. É evidente que a escola deve estar sempre aberta ao conhecimento, inquietações e propostas de sua época, procurando consolidar inovações pedagógicas que contribuem para continuar cumprindo o seu papel social.

Corroborando com essa percepção, Moreira e Candau (2003, p.160), indicam que a escola é o espaço privilegiado para “oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade”.

Sendo a escola uma instituição que prima pela transmissão de culturas e frente às mudanças ambientais, pelas quais o planeta vem passando, ela deve-se posicionar assumindo seu papel diante dessas questões (ROSA, 2002; LUCENTINI, 2010).

A escola que se pensa para a sociedade atual é aquela que possibilita o acesso às informações importantes que perpassam todas as esferas que o aluno está inserido. Reflexões e debates sobre temas relevantes presentes na atualidade, como o acesso às novas tecnologias, devem fazer parte dela, permitindo a todos “a formação cultural e científica para a vida pessoal,

profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações” (LIBANEO, 2010, p. 9).

A educação caminha em busca da formação de cidadãos participantes em todas as esferas da sociedade, e, para isso, é preciso articular os objetivos convencionais da escola com as novas exigências da sociedade atual. Sobre isso Libâneo (2010, p.10) acrescenta como proposta desses objetivos:

(...) transmissão-assimilação ativa dos conteúdos escolares, desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo, formação de qualidades morais, atitudes, convicções, exigências da sociedade comunicacional, informática e globalizada: maior competência reflexiva, interação crítica com as mídias e multimídias, conjugação da escola com outros universos culturais, conhecimento e uso da informática, formação continuada (aprender a aprender), capacidade de diálogo e comunicação com os outros, reconhecimento das diferenças, solidariedade, qualidade de vida, preservação ambiental.

Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.12) também contribuem com essa ideia ao afirmarem que a escola é espaço privilegiado para a aprendizagem, no qual as pessoas ali envolvidas têm a função de educar os alunos. Afirmam ainda, que cabem aos professores alinhados ao projeto político e pedagógico da escola “definir os objetivos de seu trabalho, escolhendo os conteúdos adequados aos alunos e ainda determinar quais os caminhos a serem tomados em cada proposta de atividade”.

Mas algumas perguntas estão à procura de respostas. As escolas estão estruturadas e acompanham essas mudanças? Os profissionais da educação estão preparados para incorporar essas questões relacionadas ao meio ambiente à suas práticas pedagógicas? As escolas e professores têm considerado essas questões no processo educacional porém, a dificuldade maior está em sua articulação, como exemplo, o uso de equipamentos eletrônicos como material didático (Bévort&Belloni, 2009; Porto, 2006; Orozco, 2002). Sabemos que toda mudança e o que é novo geram resistência e medo, mas precisamos caminhar utilizando o que de bom a humanidade tem criado. Nesse sentido, ficamos com a frase do músico Oswaldo Montenegro “Hoje sei que mudar dói, mas não mudar dói muito”.

Certamente as alterações ocorridas no meio ambiente são diversas, assim como as possíveis soluções. Entretanto, independente do caminho para se chegar a alguma solução, esse deve ser percorrido junto a uma reflexão filosófica e existencial do ser humano como ser individual. Além disso, o caminho deve obrigatoriamente passar pela educação enquanto processo capaz de (re) pensar mudança de hábitos, valores e atitudes.

Podemos afirmar que a mudança de atitude é fundamental para que essa interação homem e meio ambiente se torne eficaz para a vida humana (BRASIL, 1997a).

Nesse processo de mudança de atitude, a educação é indispensável para promover uma transformação, não só de atitude, mas de consciência sobre as questões ambientais. Segundo PCN-Meio Ambiente, (Brasil, 1997a) conclusões advindas de reuniões internacionais sobre a temática ambiental indicam que é importante investir na conscientização dos seres humanos e no estímulo à construção de uma nova percepção e uma nova postura em relação ao ambiente.

Essas mudanças no PCN-Meio Ambiente não são simples, isso porque, como diz Jacobi (2003, p.190) “A dimensão ambiental configura-se crescentemente como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo”.

A incorporação da temática ambiental como tema transversal pelo PCN teve como objetivo incluir:

...novos temas, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhe a mesma importância das áreas convencionais. O currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos. O conjunto de temas aqui proposto (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual) recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático. (BRASIL, 1997a, P.25)

A Educação Física sendo uma área de conhecimento e uma disciplina presente no currículo escolar, busca abordar o tema meio ambiente fazendo

relações com seu conhecimento específico e conteúdos. Uma relação estabelecida pela Educação Física com o meio ambiente se dá por meio dos esportes de aventura praticados na natureza. Essas modalidades, consideradas radicais, têm sido objeto de discussões, devido ao interesse de aplicabilidade de seus conteúdos relacionados ao lazer, ao esporte e a educação. Marinho (2006, p. 7) define atividades da natureza como:

As diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática - terra, água ou ar.

Essas atitudes podem se constituir o primeiro ponto de relação entre o meio ambiente e a Educação Física, porém, o fato de inserir as pessoas em ambientes naturais para a prática de esportes não garante uma discussão efetiva sobre a problemática ambiental.

Essas atividades, inclusive, passam a ser uma maquiagem para a corrente utilitarista do meio ambiente, que agora o utiliza até como local esportivo e ainda se utiliza o jargão “esportes em ambientes naturais” para se consolidar no campo de boas maneiras com o meio ambiente e de mais um campo de atuação profissional. Se o objetivo da inserção das questões relacionadas ao meio ambiente na formação e ação do professor de Educação Física é de reflexões para uma mudança de valores e atitudes, o contato pelo contato não garante uma discussão sobre as causalidades da crise ambiental.

Diante dessa realidade na Educação Física, é preciso que o professor estruture suas práticas pedagógicas numa visão mais humana, que pense o aluno em sua existência e na interação com o mundo, consigo mesmo e com os outros. É importante que se tenha como objetivo propiciar condições e meios de se refletir questões relacionadas ao corpo, num ambiente que se constrói nessa relação do ser humano com o mundo, na corporeidade existente de cada um (MOREIRA, 1998; MOREIRA e SIMÕES 2006).

Nota-se nas questões expostas sobre o meio ambiente a busca em compreender a complexidade que envolve esse tema e a urgência do seu trato no processo educacional, sendo assim, nada mais oportuno do que refletir essas questões sob o olhar da corporeidade, não só pela Educação Física mas, por todas as áreas de conhecimento presentes na escola. Na corporeidade o corpo/ser humano se faz presente na relação com o meio ambiente. É assumido em sua totalidade e complexidade.

Essa é a intenção maior, trazer os alunos para possíveis reflexões sobre questões relacionadas ao corpo e a sua existencialidade. Mesmo advogando a favor de que esses valores representados na corporeidade sejam incorporados não só pela Educação Física, mas por todas as áreas de conhecimento e de intervenção pedagógica, sua compreensão só será possível ao ser superada a visão do homem unidimensional, técnico, como um ser separado, para uma visão de homem multidimensional, de ser criador, sonhador, aliando a sabedoria da técnica e da ciência à arte e à poesia (INFORSATO e FIORANTE, 2010).

Sobre essa existencialidade multidimensional, Moreira (1998, p.147) esclarece:

A vida é multidimensional, pois como indivíduos ou como interagentes da sociedade e da cultura, somos seres que não se reduzem à política, embora nada escape a essa dimensão, à economia, à tecnologia. Mas verdade também é que nada escapa das dimensões subjetivas, afetivas e lúdicas. Essa multidimensionalidade não se encontra em nós de forma harmoniosa, mas coexiste no conflito, na contradição. A corporeidade é, assim, multifacetada, contraditória, energia que leva ao movimento impulsionado pelo conflito.

Por este olhar busca-se enxergar o ser humano como um todo, “do existente, do ser que interage no e com o mundo, consigo mesmo e com os outros. É optar por concretizar o pensamento, ou mais precisamente, corporificar o ser pensante” (MOREIRA 1998, p. 143).

Uma reflexão crítica que permita a compreensão desses assuntos abordados, meio ambiente e corporeidade, assim como suas implicações para

a humanidade, devem estar presentes na formação e atuação do professor de Educação Física.

Busca-se na Educação Física, uma compreensão de corporeidade humana que não se limite à satisfação de suas necessidades básicas primárias, a uma cultura racionalizada que reduz o corpo a um objeto moldando-o conforme os interesses políticos, econômicos e ideológicos. A Educação Física pode sim, se utilizar de uma corporeidade humana que vá além, que considere as relações de afetividade, sensibilidade, as emoções, os sentimentos etc. (SANTIN, 2003).

A Educação Física, repensada neste olhar da corporeidade, vai valorizar as relações estabelecidas pelo ser humano, assim, o tema meio ambiente se torna indispensável no processo educacional, pois, não é possível dissociar ser humano do meio ambiente e suas relações.

Portanto, o fenômeno corporeidade e as questões relacionadas ao meio ambiente devem perpassar pelos conteúdos da Educação Física contribuindo para o melhor desenvolvimento do aluno. O professor deve olhar o aluno como um ser único e que as alterações que ocorrem no meio ambiente modificam o agir, o relacionar e o pensar desse aluno durante sua existência.

Sempre é importante lembrar que a tarefa mais árdua não é entender, buscar possíveis ações, elencar e classificar essas mudanças, mas “o desafio maior está em mudar nossa maneira de pensar” (MOTOMURA, 1996, p.17).

3 BRINCAR E MEIO AMBIENTE

*Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão
(Milton Nascimento)*

Refletir sobre importância do brincar na infância e adolescência e como as alterações do meio ambiente vêm influenciando essa prática se faz necessário, assim como, qual a relevância desses temas para a Educação Física escolar. O brincar aqui será abordado como todas as atividades presentes no cotidiano infantil, as quais, podem ser apresentadas como jogo, brincadeira, lazer entre outras. Independente da fase de desenvolvimento em que se encontra a criança ou qual significado histórico, social ou cultural que essas atividades venham ter, o foco será identificar a importância que essas atividades possuem no processo de desenvolvimento global da criança nas suas diversas fases e também como esse brincar se apresenta na sociedade atual diante das transformações ocorridas no meio ambiente.

3.1 A Criança no Ambiente Contemporâneo

Por muito tempo, os espaços presentes em nosso meio ambiente como as ruas, os quintais, as calçadas, os terrenos baldios, os parques e as praças, eram habitados pelas crianças e utilizados por elas para brincar. Entretanto, tem-se observado que nas últimas décadas as transformações ambientais têm influenciado não só como, mas quando, com o quê e com quem as crianças brincam. Mudanças culturais advindas de alterações na economia, na política, no crescimento urbano, na mídia, na segurança, entre outras, vêm causando grande impacto não só na relação das crianças com os espaços utilizados para brincar, mas também quanto ao tempo destinado a essas atividades (NETO, et al, 2004; NETO, 2004; SILVA; TOLOCKA; MARCELLINO, 2006).

Queiroz e Pinto (2010, p.12) relatam que:

Nos últimos anos, mudanças sociais alteraram significativamente a estrutura de vida familiar, transformando radicalmente os hábitos cotidianos, diminuindo a autonomia das crianças e afetando seu desenvolvimento motor. É notório que a possibilidade de ação motora da criança vem diminuindo drasticamente como consequência dessa mudança de estilo de vida, bem como suas relações com a família e a sociedade em que estão inseridas.

As atividades pertencentes ao mundo da criança vêm se modificando, acontecimento natural, pois as mudanças afetam todas as gerações em todas as esferas da sociedade. O brincar, nesse contexto, assume outros contornos, tornando-se mais individual e menos dinâmico (KISHIMOTO, 2001). A criança ao conversar com seus pais ou avós a respeito das coisas da infância e ao comparar com a sua, irá perceber diferenças. Provavelmente alguma brincadeira descrita por eles não fará parte da lista de brincadeiras da geração mais nova. Isso ocorre porque a questão social e cultural da época se faz presente alterando a maneira e como se brinca e os tipos de brincadeiras. Com a mudança da sociedade altera-se também o comportamento, o interesse e a maneira de brincar da criança (BROUGÉRE, 1998).

Nesse pensar, Portinari em suas lembranças descreve que, nas cidades do interior, a mula sem cabeça assombrava crianças. Nos tempos da escravidão, as atividades e brincadeiras das crianças eram relacionadas as suas vivências sociais e culturais como: ser dono de engenho de açúcar, de construir um capa-bode, uma engenhoca para obter o caldo de cana. Machado de Assis, também relata que os personagens construídos pelo imaginário da criança como, moleque sapeca, o menino-diabo, o capitão do mato ou capitão do campo, o caçador de negros, o cangaceiro, com chapéu e espada formando o batalhão do sertão nordestino pertencem a contextos sociais diferentes que são compartilhados pelo mundo infantil na forma de faz-de-conta (KISHIMOTO, 2001).

O tempo para criança ser criança também tem sofrido alterações devido as transformações ocorridas no meio ambiente, não só da criança, mas de toda a sociedade. Não temos mais tempo. Para muitos, o número de horas que contém o dia não bastam, a correria em busca de um lugar melhor ao sol tem afetado a vida em sociedade de maneira geral. A criança, por fazer parte desta sociedade, tem sido atingida por essa falta de tempo para ser criança (DIAS, 1999).

O livro de Eclesiastes, presente na Bíblia Sagrada, faz um alerta ao ser humano a respeito de sua ânsia em querer antecipar acontecimentos da vida, sendo esses importantes de serem vividos no seu próprio momento, afirmando que:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. (BÍBLIA, ECLESIASTES, 3. 1-8)

No percurso da vida, há tempo para sermos criança, adolescente, jovem, adulto e velho. Cada experiência vivida nessas etapas de desenvolvimento tem

sua maior relevância se for vivida na época certa. O brincar de boneca, de carrinho, colocar o sapato do pai ou da mãe e ficar andando pela casa, é na infância que essas atividades tem seu maior significado. É gostoso brincar, independente de ser velho ou criança, mas é durante a infância e a adolescência que o brincar tem seu maior significado. Cultura, valores éticos, morais, religiosos, sociais, são expressos e vivenciados durante o brincar.

No processo educacional o brincar pode e deve estar presente no ensino em todos os ciclos da vida, auxiliando na aprendizagem dos alunos. A atenção está em respeitar e formatar as atividades de acordo com a faixa etária do aluno. Por essa razão, a formação deve ser pensada diferentemente respeitando o tempo de cada um. “Caso contrário, estaremos negligenciando as experiências de cada um. Seria como ‘infantilizar’ adultos e ‘adulillar’ crianças” (DIAS, 1999, p. 128).

Essas restrições de tempo e de espaço para a criança, decorridos das mudanças ambientais, prejudicam a formação da criança. A cultura infantil está reduzida praticamente ao consumo de bens culturais, que não são produzidos mais por ela, mas para ela. Isso contribui para a inibição da manifestação cultural da criança, pois o brinquedo, que agora passa a ser mercadoria, compromete a vivência da realidade que a criança está inserida, quando utilizado por ela para brincar. “É o desrespeito à cultura da criança, chegando mesmo à inibição da sua manifestação” (MARCELLINO, 2005, p. 53).

Isso é o que se observa na sociedade atual: a necessidade da preparação precoce de tornar as crianças em adultos produtivos, justificada pela ideia de um progresso num tempo o mais rápido possível. Há uma sobrecarga de tarefas estabelecidas por alguns pais para que seus filhos possam estar preparados o quanto antes melhor. O avanço mundial em todas as esferas da sociedade induz a pensar que a preparação precoce seja um caminho de sucesso. Marcellino (2002, p. 82) faz um alerta:

No que diz respeito ao uso do tempo essa suposição parece bastante enganosa. Talvez o que venha ocorrendo, devido as necessidades de preparação, cada vez mais precoces para o mercado "produtivo", seja uma relação inversa, entre as possibilidades de uso do tempo, de forma mais pessoal, por

adultos e crianças. A medida que essas aumentam para os primeiros, pelo concurso da tecnologia e da automação, diminuem para as crianças, pela própria necessidade de preparação técnica e ajustamentos de personalidade.

Mollo-Bouvier (2005), salienta que, é comum ler nos meios de comunicação que alunos que ainda estão cursando o Ensino Médio ganham pela justiça, o direito de cursar a universidade mesmo sem antes ter terminado o Ensino Médio.

A autora ainda menciona que:

A educação alia-se à precocidade. Será que, afiançada pela descoberta da riqueza das potencialidades dos pequeninos, esta não corre o risco de deslocar insidiosamente os limites do reconhecimento de uma normalidade do desenvolvimento intelectual e da socialização? Autonomia, êxito e desempenho são mais prezados que lentidões e erros no aprendizado. Será preciso saber antes de aprender? Parece-me, às vezes, que nossos filhos, mesmo se se tornaram desafios ideológicos e econômicos importantes aos quais concedemos um interesse particularmente apaixonado, estão sendo progressivamente despojados do tempo da infância. (MOLLO-BOUVIER, (2005, p. 401)

O tempo é fundamental para todo o desenvolvimento. Para o desenvolvimento adequado é preciso respeitar o tempo em seus dois significados adotados pelos gregos: *Khronos* e *Kairós*. O primeiro se refere ao tempo cronológico, seqüencial, ou quanto tempo se leva para terminar a educação básica; o segundo refere-se ao tempo da experiência, da sabedoria, tempo especial, oportuno, ou o momento para se ter um filho, pois se biologicamente já posso ser pai, posso não ter maturidade e responsabilidade para tal. Na teologia, *Khronos* é o tempo dos homens, e *Kairós* é o tempo de Deus. Como já foi citado, “tudo tem seu tempo”.

Compactuando com esse pensar, Moreira (2003, p. 89) declara:

Nossa corporeidade parece necessitar, para sua sobrevivência, que deixemos de viver cronologicamente para

usufruímos da vivência do tempo no sentido *kairós*, onde vida e mundo se confundem na existencialidade.

A construção das relações e das experiências pelo brincar se solidificam e deixam marcas e lembranças se vivenciadas no tempo *Kairós*. Nele o construir das experiências significativas e da corporeidade de cada um se dá pela intensidade daquilo que foi vivido e não pelo tempo *Khronos* da duração da atividade. É comum professores, inclusive de Educação Física escolar, para cumprir com o planejamento das atividades previstas, em termos de conteúdos/conhecimentos, ministrá-los preocupados apenas com o tempo cronológico da atividade e não com o tempo *Kairós*.

Outro fator que vem modificando o brincar na infância é o crescente avanço da urbanização, relacionado com o espaço anteriormente citado. Em nome do progresso as extensas áreas livres foram cedendo lugar às torres de edifícios e as grandes casas, marcas registradas especialmente até o final da primeira metade do século passado, hoje dão lugar a apartamentos cada vez menores. Sirkis (2003, p.215), afirma que “a urbanização é um fato irreversível em todo o planeta. No início do século XX apenas 10% da humanidade residiam em áreas urbanas; hoje, metade, mais de 2,9 bilhões vivem em cidades.”

Camarano e Beltrão (2000, p.6), em um relatório sobre a distribuição espacial da população brasileira, afirmam que:

De acordo com a contagem populacional de 1996, a população brasileira era de aproximadamente 156 milhões de habitantes em primeiro de agosto daquele ano, dos quais 78% viviam nas áreas consideradas urbanas e 17% residiam em apenas duas cidades — São Paulo e Rio de Janeiro. Essa situação difere bastante da prevalecente em 1940, quando a população era formada por 41 milhões de habitantes, dos quais 80,5% viviam nas áreas rurais e/ou em cidades com menos de 20 mil habitantes. A população da então maior cidade do país, Rio de Janeiro, era de 1,8 milhão, o equivalente a 4,4% da população nacional. Nesse ano, a população da Cidade de São Paulo não havia ultrapassado 1,4 milhão de habitantes, o que mostra que a população brasileira passou por transformações bastante significativas no período: quase quadruplicou e se concentrou nas grandes cidades.

Devido a esse crescimento urbano, declara o autor Duarte Junior (2010, p.27), “A casa foi tornada uma ‘máquina de morar’, um espaço constantemente diminuído que não abriga sonhos e afetos, exercendo tão só uma função prática”. As ruas e calçadas não são mais locais para brincar. As cidades são projetadas para os automóveis que cada dia tem sua frota aumentada. Para Feldmann (2003, p.151), “o automóvel determinou o desenho das nossas cidades e a infra-estrutura necessária ao seu uso mobilizou grande parte dos investimentos público do mundo”.

Esse crescimento está fazendo com que as pessoas se tornem cada vez mais individualizadas, presas em suas próprias casas. O local que antes era frequentado pelas crianças para brincar e que hoje dá lugar as grandes construções em prol do avanço da nossa sociedade, também era frequentado por suas famílias e as relações estabelecidas nesse encontro de gerações permitiam sentir o mundo, um mundo no qual não se está apenas presente, mas se sente como parte integrante do mesmo.

Esse crescimento urbano, aliado ao avanço tecnológico, exerce uma influência enorme no comportamento infantil. Uma infância e uma adolescência que em décadas passadas possibilitava ações corporais por meio de jogos de rua, caminhadas, correria, topadas, jogos de pião e bolinhas de gude, cortes, arranhões, hoje dá lugar a uma infância e uma adolescência que passa horas em frente ao computador, à televisão, ao vídeo-game, aos sites de relacionamento, em ambientes fechados acompanhados de saquinhos e mais saquinhos de alimentos industrializados (DUARTE JUNIOR, 2010). A interação do eu com o outro está se tornando cada vez mais ausente no cotidiano do ser humano.

O pega-pega e o videogame são maneiras de brincar utilizadas pelas crianças. As relações estabelecidas nessas formas de brincar são diferentes: na primeira a inter-relação eu/outro/meio ambiente se faz presente durante a atividade; na segunda essa inter-relação pode ocorrer, porém, na maioria das vezes, a atividade se torna individual, e quando ela se faz coletiva, com a presença do outro, esta se dá pela conexão virtual. O outro está presente no jogo, virtualmente, em sua casa com seu vídeo-game. O vídeo-game, a

televisão e a internet são importantes e prazerosos, porém, se utilizados pela criança como única forma de brincar e de divertimento, podem acarretar grandes prejuízos ao seu desenvolvimento.

Para Almeida e Shigunov (2000), a brincadeira representa um fator importante no processo de desenvolvimento da criança envolvendo socialização, novas descobertas e percepção do contexto no qual ela está inserida, pois o desenvolvimento humano necessita dessas relações em seu processo de aquisições de valores, sentidos e significados.

Oliveira (2002, p.126) também afirma a importância dessas relações para o desenvolvimento e amadurecimento, em que diz:

O desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando seu comportamento. Decorre antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre organismos vivos, o humano inscreve-se em uma linha de desenvolvimento condicionada tanto pelo equipamento biocomportamental da espécie quanto pela operação de mecanismos gerais de interação com o meio.

O dia da criança, por exemplo, é dividido em horas de aula (escola e tarefas), televisão e computador (jogos e internet). Quando se trata de internet, os sites de relacionamentos ocupam um tempo considerável não só das crianças e dos adolescentes, mas também dos adultos. Há importantes estudos que relacionam o tempo gasto com esses meios de comunicação com problemas de saúde, mais precisamente, o sedentarismo e a obesidade. Dentre estes estudos, Silva, Lopes & Silva (2007) e Mello, Luft e Meyer (2004), afirmam que o hábito de passar horas assistindo televisão ou no computador, contribui para a diminuição do gasto calórico contribuindo para a obesidade. Alertam ainda, que as crianças frequentemente comem em frente da televisão e as propagandas apresentadas estimulam a ingestão de uma alimentação rica em calorias.

Nesse universo tecnológico, de espaços cada vez mais reduzidos, o saber sensível tende a se restringir devido ao isolamento das pessoas em suas

atividades individualizantes e também da reclusão em suas casas ou apartamentos. Para os gregos, o saber sensível se traduzia na palavra “Aisthesis” que significa capacidade humana de sentir o mundo, faculdade de sentir ou compreensão pelos sentidos, estes entendidos como visão, audição, olfato, paladar e tato. “Há muito sentido naquilo que é sentido por nós” (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 25).

Essa relação corpo/meio ambiente possibilita essa exploração dos sentidos e, por meio deles, a criança pode sentir o mundo que está a sua volta, do qual ela faz parte. “O fato é que o mundo moderno (historicamente estabelecido a partir do século XV) primou pela valorização do conhecimento intelectual, abstrato e científico, em detrimento do saber sensível, estético, particular e individualizado” (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 25).

O autor ainda afirma que:

Somos educados para a obtenção do conhecimento inteligível (abstrato, genérico e cerebral) e deseducados no que tange ao saber sensível (concreto, particular e corporal). Conhecer, por esse viés, tem a ver com o pensamento, com o conceito, a abstração, as fórmulas, ao passo que o saber (que também significa sabor) refere-se a todo o conhecimento integrado ao nosso corpo, o qual nos torna mais sensíveis. Nesse sentido, o especialista conhece abstratamente uma pequena parcela da realidade, ao passo que o sábio demonstra possuir saberes incorporados, isto é, relacionados entre si e aos sentidos estéticos e afetivos proporcionados por sua corporeidade. (...) estamos deixando de lado o desenvolvimento da sensibilidade mais básica de que somos dotados: aquela proveniente de nossos sentidos – o tato, o paladar, o olfato, a visão e a audição. (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 26).

Essa relação eu – outro – meio ambiente, presente no brincar vai além do conhecer e do aprender. Ela proporciona o saber, que significa sabor, experiência, vivência, conhecimento aprendido em nossas ações e integrado ao nosso corpo, educando nossos sentidos, tornando-os mais apurados.

Esse significado de saber pode ser presenciado quando a criança constrói um brinquedo e o desmonta e monta novamente. A criatividade, a imaginação, a curiosidade, a descoberta se faz presente nessas ações, a

relação da criança com o objeto e o vivenciar dessas ações transforma o conhecer em saber. As experiências adquiridas com o saber são impressas no indivíduo passando a fazer parte de sua história.

Mas as experiências advindas dessas relações estão sendo cada vez mais castradas por essa sociedade de consumo; nela, o público infantil é alvo certo e rentável. As indústrias de produtos voltados para a criança, por meio de uma ferramenta poderosíssima, que é a mídia, desde cedo, já semeia a ideia que o importante para ser feliz é consumir e ter. Sendo assim, porque fazer uso de uma imaginação, aperfeiçoando-a, estimulando-a a construir um brinquedo se posso comprar por R\$ 1,99. Essa frase ouvi em uma de minhas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, como resposta à proposta de construir uma raquete de pingue-pongue.

Verifica-se na contemporaneidade alterações sociais e econômicas que são visíveis na própria concepção de sociedade, educação e sujeito. Em consequência, muda-se também a concepção de ser criança e de infância, alterando também os tipos de brinquedos infantis e o conceito de brincar. (OLIVEIRA, 2007, p. 2)

Ao fazer uma pipa, um carrinho de rolimã, jogar bolinha de gude, soltar pião, fazer carrinho com lata e carretel de linha ou a raquete de pingue-pongue citada anteriormente, entre outras atividades, diversas habilidades motoras estão sendo desenvolvidas e estimuladas durante o ato de construir e o de executar a brincadeira, assim como a imaginação e a criatividade.

Oliveira (2007, p.3) ainda afirma que:

É nesse contexto histórico-social que se verifica um conjunto de conhecimentos a serviço da produção e do consumo. Essa sociedade apela incansavelmente para o consumo, criando no indivíduo a necessidade de consumir mercadorias, e para o público infantil os brinquedos industrializados são referência marcante; além de outros acessórios: roupas de marcas, enlatados, CDs infantis, etc. No caso da criança, os brinquedos já estão prontos, fazem toda a simulação (choro, som, movimentos) onde a criança apenas permanece frente

ao brinquedo passivamente, olhando e observando como expectadora.

A Educação Física, quando busca resgatar os jogos e brincadeiras tradicionais, em seu conteúdo/conhecimento jogos e brincadeiras, não está pensando apenas num resgate histórico e saudosista dessas atividades, mas sim, buscando por meio da realização dessas atividades, proporcionar ao aluno, uma ampla possibilidades de ações para o seu desenvolvimento global, ou seja, motor, cognitivo, afetivo, social, cultural e psicológico (FRIEDMANN, 1996; KISHIMOTO, 1993; MEDEIROS, 1990; NETO, 1997).

Não há oposição quanto ao uso de novos brinquedos ou da tecnologia, o alerta é com relação ao tempo destinado a essas atividades. A falta de tempo ou de opções de espaço de lazer para brincar faz com que as crianças e adolescentes quando não estão na escola passem grande parte do tempo com televisão, vídeo-game e internet.

Diante dessa constatação, um dos principais papeis do professor, não só da Educação Física, é desenvolver em suas práticas pedagógicas condições para que os alunos se tornem independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação (NISTA-PICCOLO, 1993), pois, para De Marco (1995, p.77),

A Educação Física como sendo um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a auto-estima e a autoconfiança valorizando-se aquilo que cada individuo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais.

Devemos usufruir de todos esses benefícios e comodidade que o avanço tecnológico nos proporciona. Além disso, como educadores, levar aos alunos essa realidade que se apresenta fora do espaço escolar e fazer uso dela em nossas aulas para discussão e reflexão. O professor de Educação Física deve se apropriar das novas configurações do brincar contemporâneo, explorando seus aspectos positivos e suprimindo os negativos com outras atividades.

Devemos trazer aos alunos a reflexão sobre a dependência desses avanços, dependentes no sentido de despendem mais tempo com objetos do que com pessoas que fazem parte da nossa existência. Essa é a realidade da sociedade atual. Seres humanos cada vez mais solitários e isolados em seu mundo, mundo que cada um constrói conforme sua necessidade sem se prender a sentimentos e emoções. Houve um tempo em que as máquinas substituíam os operários subtraindo desses apenas a função empregatícia e proporcionando as empresas maior produção, qualidade, rapidez e rentabilidade. Atualmente, as máquinas estão substituindo as pessoas e subtraindo delas as relações de afetividade, valores, sentimentos e o sentido de viver. Exagero? Fique sem internet ou TV por um dia.

3.2 O Brincar e Suas Contribuições

Além de ser considerado como atividade essencial para o desenvolvimento global da criança, o brincar passou a fazer parte de pesquisas sobre o desenvolvimento humano. A conquista obtida pela importância do brincar está presente não só no âmbito familiar, mas, também, no campo educacional tendo o seu direito garantido por lei, como exemplo, nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a brincadeira é definida como a linguagem infantil que vincula o simbólico e a realidade imediata da criança procurando sensibilizar os educadores para a importância do brincar tanto em situações formais quanto na informalidade (QUEIROZ, MACIEL & BRANCO, 2006; KISHIMOTO, 2002; BRASIL, 1998).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, referente ao processo de ensino aprendizagem para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, o brincar também tem seu papel no processo de formação e desenvolvimento humano,

As diferentes competências com as quais as crianças chegam à escola são determinadas pelas experiências corporais que tiveram oportunidade de vivenciar. Ou seja, se não puderam brincar, conviver com outras crianças, explorar diversos espaços, provavelmente suas competências serão restritas. Por outro lado, se as experiências anteriores foram variadas e freqüentes, a gama de movimentos e os conhecimentos sobre jogos e brincadeiras serão mais amplos. Entretanto, tendo mais ou menos conhecimentos, vivido muitas ou poucas situações de desafios corporais, para os alunos a escola configura-se como um espaço diferenciado, onde terão que ressignificar seus movimentos e atribuir-lhes novos sentidos, além de realizar novas aprendizagens (BRASIL, 1997b, p. 39)

Para Brenelli (1996), a conscientização da importância do brincar no aprendizado infantil nos remete aos gregos e aos romanos, mas é com Froebel que os jogos e brincadeiras passam a se tornar um instrumento auxiliador no processo educacional. “Froebel acreditou na criança, enalteceu sua perfeição valorizou sua liberdade e desejou a expressão da natureza infantil por meio de brincadeiras livres e espontâneas”. Ainda que Froebel não tenha sido o primeiro a analisar o papel educativo do jogo, sua contribuição está ligada ao fato de vinculá-lo como parte do trabalho pedagógico (KISHIMOTO, 2002, p. 57).

O brincar para criança equivale ao trabalho para o adulto. Quando elas não estão se ocupando com atividades como comer, dormir certamente estão brincando, pois é no brincar que elas se ocupam na maior parte de suas horas despertas (GALLAHUE e OZMUN, 2005).

As brincadeiras coletivas preparam as crianças para seu desenvolvimento da vida em grupo, aprimoram o valor comunitário proporcionando também oportunidades de vivências e aprendizagens motoras, manuais e intelectuais (MARCELLINO, 2002). O brincar é inerente aos seres humanos, sendo sua linguagem, compartilhada entre todas as crianças (ALMEIDA e SHIGUNOV, 2000).

A Educação Física, ao intervir sobre esse corpo que brinca, que se movimenta, deve estar atenta a todos os aspectos relacionados a esse corpo, às suas vivências motoras, afetivas e culturais. Nesse sentido, Nóbrega (2005, p. 83) afirma que: “a corporeidade pode ampliar o campo da Educação Física

em sua intervenção sobre o corpo”. Para a autora, “a estética do movimento, a beleza e harmonia dos gestos, sua relação coma identidade do ser humano [...] ampliam a percepção de si mesmo, do outro e do mundo” (p. 83).

O profissional de Educação Física em sua intervenção escolar tem no brincar a possibilidade de propiciar à criança a ampliação de si mesma, do outro e do mundo, pois, quando brinca ela passa a estar, de acordo com Vygotsky (1989), em sincronia com a própria vida, aprendendo pela troca de experiências, percebendo suas potencialidades, reproduzindo em suas ações o que está no seu imaginário ou pensando, sua vontade interior e construindo o seu pensamento.

O brincar propicia ao ser humano formas diferentes de expressão, de pensamento, de interação e comunicação. A brincadeira é uma forma pela qual há o incentivo à interação entre as crianças que brincam, proporcionando ainda, a superação de forma construtiva, dos conflitos. Esses elementos contribuem para a formação de indivíduos críticos e reflexivos (QUEIROZ, MACIEL e BRANCO, 2006).

Para que esse objetivo seja alcançado precisamos de uma Educação Física que ao trabalhar os seus conteúdos, busque consideração e respeito ao conhecimento, capacidades, potencialidades, ao seu contexto sócio-cultural e também aos desejos, anseios voltados à saúde do aluno (TOLEDO, VELARDI e NISTA-PICCOLO, 2009)

Brincar é o que a criança faz com extrema satisfação, seja na rua, em casa, no quintal, nas áreas de lazer ou até mesmo na escola. Freire (2002, p. 19) relata que “o conhecimento do mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas”. Por isso, entendemos que o brincar é uma via pela qual a criança estabelece relações com os outros, com o mundo, podendo inclusive se perceber melhor nessas relações. Nesse sentido, a Educação Física desenvolvida com base nesses pressupostos possibilita que as crianças se percebam no e com o mundo.

O prazer que a brincadeira proporciona é que motiva a criança a brincar adquirindo novos conhecimentos, experiências e habilidades, fortalecendo as relações interpessoais e auxiliando seu desenvolvimento (TOLOCKA et al, 2009).

O brincar é não só importante para as crianças como também para os pais, pois, observando a criança brincar, os pais aprendem a conhecer melhor seu filho, sabem que tipo de brincadeira ou brinquedo eles mais gostam e também a escolher melhor as atividades e brinquedos para eles (KISHIMOTO, 1998). A falta de tempo dos pais também é um fator que dificulta essa relação pai/filho. Os compromissos profissionais dos pais impossibilita, às vezes, acompanhá-los em suas atividades diárias (CAMPOS E SOUZA, 2003; MARTINS, 2009).

Loro (2010) afirma que o brincar oportuniza as crianças a vivenciarem valores, pois as brincadeiras são vias pelas quais se estabelecem relações, seja entre as próprias crianças ou delas com os adultos. Nessas relações, o autor destaca as possibilidades em aprender a conviver e a reconhecer de maneira amorosa o outro.

A importância do brincar no processo de desenvolvimento se apresenta pelo fato de ser ele um condutor para que a criança expresse seus pensamentos, ideias, imaginação e criatividade. A relação estabelecida pela criança com o objeto durante o brincar pode sofrer alterações, pois a criança pode dar diferentes sentidos ao que vê por meio de sua própria ação e imaginação, não só com os objetos, mas também na relação com os amigos com os quais produz novos aprendizados e sentidos e os compartilha (POLETTI, 2005; CERISARA, 2002).

A conjunção dos fatores relacionados as mudanças ambientais como: restrição no espaço para brincadeira devido ao crescimento urbano; diminuição do tempo, em função da vida profissional dos pais e da preocupação exacerbada com o futuro profissional; diminuição das possibilidades de relações, presentes na sociedade deste século XXI, contribuem para a alteração de vivências das brincadeiras e das relações, pois, cada sociedade determina o sentido cultural e social em que o brincar possa fazer sentido (MARTINS, 2009; BROUGÈRE, 1998).

Nesse sentido, o brincar ainda se encontra presente no universo infantil por ser ele uma prática cultural, não com as mesmas dinâmicas, brincadeiras ou sentido, pois, isso se altera de geração em geração. Ao trabalhar o brincar no contexto escolar, o professor de Educação Física, pode se utilizar das brincadeiras atuais e também resgatar as de gerações anteriores, não no

sentido de uma simples prática, mas, no resgate de valores considerados importantes para a formação humana.

Considerando a importância que o brincar possui na infância para a construção de valores e apropriação de qualidades humanas na criança, é de responsabilidade dos pais, dos professores e da sociedade, procurar oportunizar à criança espaço e tempo para a ludicidade devido ao seu potencial educativo e ao seu significado na formação humana.

Seu trato pedagógico na e pela escola torna-se indispensável, em todos os níveis de ensino. Somente com a prática educativa constante é que o aluno poderá adquirir e se adequar às realidades da sociedade e da corporeidade existente em cada cidadão. Mais que ser preparado para uma vida profissional, para uma aprovação no vestibular, os alunos da Educação Básica necessitam de um aprendizado de valores culturais que estimulem a convivência, o ir ao encontro do outro, o viver em sociedade.

Se é pelo corpo, por meio dos sentidos, que se estabelece contado com o meio ambiente, com o mundo, e se o brincar para a criança é fundamentalmente necessário para que ela viva intensamente essa fase maravilhosa da vida e extraia dela experiências que enriquecerão seu futuro como ser humano, compreender essa relação torna-se urgente. Claro que colaborar com isto não cabe só aos professores de Educação Física, mesmo sendo eles os atores sociais mais envolvidos nesse processo, mas sim, a todos os presentes no processo educacional.

Para que isso ocorra é preciso uma reavaliação no papel da escola e dos professores para que ambos levem em consideração esse novo contexto da sociedade contemporânea. Novas atitudes docentes tornam-se necessárias diante da realidade atual, sendo preciso que o professor ajuste sua prática pedagógica à nova realidade da sociedade. A diversidade cultural e as diferenças presentes na cultura permeiam o contexto escolar e deve ser considerada. Os professores têm que ter “a preocupação em vincular o trabalho que faz na sala de aula com a vida que os alunos levam fora da escola com as diferentes capacidades, motivações, formas de aprendizagem de cada um” (LIBANEO, 2010, p.47). Essa preocupação deve estar presente desde a formação acadêmica até a atuação profissional, estando atentos a temas relevantes na sociedade para contextualizá-lo em sua aula.

4- EDUCAÇÃO FÍSICA, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E MEIO AMBIENTE:

Desafios e Possibilidades

A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer.
(Paulo Freire)

4.1 Desafios

A Educação Física é, de acordo com Betti (2005, p. 195), “uma área de conhecimento e intervenção pedagógica que expressa projetos social e historicamente condicionados, os quais, por sua vez levam à construção dos objetos da pesquisa científica, a qual se exercita e transforma constantemente no seio da comunidade acadêmica”. Porém, nem sempre foi assim. Até o final da década de 70 ela se fundamentava em vertentes tecnicista, esportivista e biologicista. Na tentativa de romper com essas vertentes, surge a necessidade de se pensar uma nova Educação Física formulando-se então várias tendências como: psicomotora, construtivista, desenvolvimentista, sociológica-sistêmica, antropológica-cultural e a crítico-superadora, entre outras.

Essas novas tendências representam o resultado da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Essas correntes tornaram a área mais próxima das ciências humanas ampliando os campos de ação e reflexão da Educação Física. Apesar das divergências entre elas, o que se apresenta como ponto comum é a busca, por elas, de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano (BRASIL, 1998; DARIDO, 2001).

Para superar as ideias mecanicistas e dualistas impostas pelo paradigma cartesiano, a Educação Física, cada vez mais é pensada num paradigma sistêmico, integrado e dinâmico, pois, sem esse entendimento

torna-se difícil articular a complexidade que permeia as múltiplas dimensões do ser humano e sua relação com o meio ambiente.

Contudo, essa perspectiva sistêmica está se consolidando nas discussões acadêmicas, reuniões científicas, bem como, nas orientações curriculares para a Educação Básica e ao que se refere à formação de professores (INFORSATO e FIORANTE, 2010)

A Educação Física pode ser considerada um campo propício para discussões sobre o meio ambiente e a incorporação de novos hábitos e atitudes. Existe até uma preocupação histórica (mesmo que superficial) da área com o tema. Prova disto pode ser encontrada no exemplo de Pierre de Coubertin ao formular o texto a “Propôs de Rallyes” em 1907, texto que já apresentava e discutia a necessidade de educar os “homens de esporte” para que não lançassem papéis e outros objetos nos sítios naturais de prática desportiva (DA COSTA, 1997).

Além disso, como abordado anteriormente, com o surgimento de uma nova maneira de pensar e agir na Educação Física, entendendo o corpo além das dualidades, como algo inteiro, dentro de um pensamento mais sistêmico, o que nos leva a compreender que esse corpo não pode ficar “fora” do mundo físico com o qual se relaciona, ou seja, fora do meio ambiente. Como diz Regis de Moraes (2003, p.78) “somos (e não temos) um corpo”.

Como parte integrante do currículo escolar em seus diferentes níveis de ensino e procurando contribuir para a formação e cidadania do educando, a Educação Física se utiliza dos conteúdos/conhecimentos que, ao longo dos anos, foram formados pelas diferentes manifestações culturais do ser humano. Independente do conteúdo/conhecimento a ser trabalhado, a preocupação é conhecer de forma integrada e dinâmica o corpo, o movimento, o ser humano, a vida e suas relações sociais, culturais e educativas (INFORSATO e FIORANTE, 2010).

Na Educação Física o corpo deve ser compreendido como elemento essencial de qualquer movimento e que, ao se expressar, manifesta suas vivências corporais, culturais e históricas. Fica patente nesta interpretação que os conhecimentos sobre o corpo não devem se limitar apenas aos aspectos biológicos e da saúde, assuntos presentes nas relações que o cercam devem

ser refletidos durante o processo de aquisição de conhecimento, como por exemplo, a complexidade das questões do meio ambiente.

Como o corpo tem sido alvo das mudanças ambientais ocorridas nas últimas décadas, a implicação dessas mudanças também é perceptível na Educação Física no que diz respeito ao conhecimento a ser trabalhado na escola pela disciplina, pois a manifestação corporal se faz presente em todos os seus conteúdos/conhecimentos.

Educar esse corpo é trazê-lo para a aprendizagem de sua cultura, das formas concretas do relacionamento ser humano e mundo, é estabelecer a relação entre o mundo que se mostra e a consciência do aluno que a busca. Essa correlação entre o sujeito e o objeto de conhecimento deve ser proporcionada pelo professor que resultará em um ato de compreensão e produção de conhecimento, e também por ser um fenômeno cultural, as mudanças históricas passam a fazer parte desse processo (REZENDE, 1990; NÓBREGA, 2005).

Educar é pôr o sujeito em relação com o mundo e com as representações simbólicas deste, ou seja, com a produção do conhecimento, não havendo a separação entre sujeito e o objeto de conhecimento. Essa atitude garante que o educando se aproprie de conhecimentos de maneira ativa, reconhecendo como os condicionantes históricos e vislumbrando a possibilidade de uma nova síntese, de uma nova realidade, reafirmando, dessa forma, que como produtor da cultura o homem cria e recria o mundo. (NOBREGA, 2005, p. 73)

Essa correlação sujeito/mundo é essencial no processo educacional de desenvolvimento humano, devendo na Educação Física perpassar por seus conteúdos/conhecimentos. Ao trabalhar assuntos e temas nessa perspectiva, como a temática ambiental, o corpo deve ser pensado na sua totalidade e buscado o seu desenvolvimento como um todo. Por meio dessa interação o corpo assimila valores e significados que possibilitará recriá-los, ampliando sua cultura. “O corpo expressa unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural e rompendo o dualismo entre os níveis físicos e psíquicos” (NÓBREGA, 2005, p.63).

É esse sentido de corpo que a Educação Física deve assumir enquanto área de conhecimento e de intervenção pedagógica frente às constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea. Para Nóbrega (2005), essa percepção de corpo emerge da motricidade. A autora ainda afirma que:

Na motricidade, não há separação entre a significação simbólica e a significação cinética, entre o dado sensível e o entendimento o corpo não é um meio intermediário entre o mundo exterior e a consciência, mas possui uma inteligibilidade, uma intenção, um sentido de totalidade que se manifesta no movimento e no entendimento simultaneamente, numa palavra, na motricidade (NÓBREGA, 2005, p. 64).

O termo motricidade vem associado à intencionalidade, à subjetividade, ao aperfeiçoamento de nossa sensibilidade, ao gesto com intenção que é aplicado somente ao ser humano, já que o animal mesmo possuindo movimento age por instinto. Na motricidade o físico, o biológico e o antropológico estão presentes (INFORSATO e FIORANTE, 2010; MOREIRA, 1992).

Se o que garante a relação entre o sujeito e o objeto, e o que confere a originalidade do ser no mundo é a intencionalidade da consciência, a motricidade é o que efetiva essa possibilidade dotando o corpo de significados. A motricidade e a corporeidade se fundem e se tornam visíveis nos movimentos, sejam eles relacionados às nossas ações diárias ou aos mais complexos, como a dança, os esportes, os jogos e o brincar (NÓBREGA, 2005).

Nosso corpo existe para movimentar-se, nosso desenho corporal sinaliza para a nossa motricidade, para nossa locomoção (FREIRE, 2010). A inatividade corporal presente na atualidade é visivelmente constatada dentro e fora da escola. Inúmeras doenças devido à falta de exercício físico sistematizado, do movimentar-se, do desuso das capacidades físicas e das habilidades motoras já foram precocemente diagnosticadas em pessoas cada vez mais jovens.

A Educação Física pode contribuir significativamente ao procurar abordar as implicações dessa inatividade contemporânea na formação

humana, não só do ponto de vista motor, mas, do ser humano em toda sua complexidade que entendemos como corporeidade. Nesse sentido, Freire (2010), ressalta que:

Educa-se para a vida, uma vez que nossa tarefa é aprender viver. Ou seja, qualquer que seja a disciplina escolar, o objetivo maior de todas elas é ensinar a viver. Supõe-se que aprendendo a matemática o aluno obterá melhores recursos para viver. O mesmo se pode dizer de português, da geografia ou da Educação Física. Cada disciplina, de sua parte, participa da educação para a vida com sua própria cultura. (FREIRE 2010, p.11)

Rosário e Darido (2005, p167), indicam que “A Educação Física possui um vasto conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos anos.” A Educação Física, por seu lado, como componente curricular, pode diante das mudanças no meio ambiente, atender as diversidades culturais e as diferenças existentes em cada ser humano, para formar cidadãos participantes, críticos e autônomos.

A Educação Física está na escola justamente pela relevância que tem e, claro, por uma escolha social e reconhecimento dos seus saberes que são provenientes da cultura. Se a Educação Física é proveniente da cultura, e nela se faz cultura, suas manifestações também o são. Assim, a seleção das manifestações corporais deve pautar-se nas necessidades e nos interesses sociais daqueles que estão na escola. Deve considerar os anseios dos alunos e importar-se com as experiências culturais individuais (MOREIRA, PEREIRA E LOPES, 2009, p. 115).

O professor de Educação Física pode procurar minimizar os efeitos negativos dessas mudanças ambientais e se apropriar dos aspectos positivos que os avanços trazem a sociedade proporcionando atividades para que o aluno, por meio dessa relação, possa construir conhecimentos e saberes

conhecendo um pouco mais sobre as suas potencialidades corporais (FREIRE, 1989).

Para Fiorante (2008, p.45) não pode se perder de vista a formação do aluno, por isso os professores de Educação Física podem se inserir no processo formativo contribuindo com a construção de normas de convivência e atitude.

Os professores de Educação Física escolar devem estar comprometidos com a formação global das crianças e auxiliarem na construção de normas de convivência e atitude, oferecendo oportunidades para a evolução e o amadurecimento de suas ações na busca de um conhecimento de si mesmo, integrado ao conhecimento do outro e do mundo que acerca.

Portanto, a Educação Física como área de conhecimento e intervenção pedagógica, precisa oferecer ao aluno possibilidades de ações, intenções e relações para o seu desenvolvimento global, ou seja, motor, cognitivo, afetivo, social, cultural e psicológico, percebendo o aluno em sua totalidade, buscando para isso alternativas viáveis no processo de ensino/aprendizagem.

4.2 Possibilidades

Pensando numa prática pedagógica que aborde questões relacionadas ao meio ambiente e ser ao humano, podemos nos questionar se a Educação Física, como área de produção de conhecimento e de prática corporal pode colaborar ou está colaborando para discussão do tema meio ambiente, bem como pode interferir ou está interferindo na formação de agentes que se preocupam com a qualidade, preservação e gestão do meio ambiente.

Considerando que a abordagem sobre o meio ambiente, sendo elencado como um dos Temas Transversais e tendo sua importância no processo educacional, indagamos: como contextualizar esse temas em aulas e inserí-lo na escola? O professor tem conhecimento para abordar o tema? Em sua formação acadêmica teve acesso às discussões sobre o tema meio ambiente?

Refletir sobre esses desafios e possibilidades na educação se faz urgente. Para isso, Flecha e Tortajada (2000) afirmam ser preciso: considerar as mudanças socioeconômicas que são produzidas com o surgimento da sociedade da informação, o que nos permite ver quais são as novas necessidades geradas e as competências que serão requeridas; abordar com maior profundidade as mudanças constantes que, em nível sociocultural, vivemos em nosso cotidiano e quais são os desafios propostos para a educação; caminhar em direção a uma cultura educativa que transforme dificuldade em possibilidades; desenvolver uma concepção dialógica que tenha como objetivos a igualdade, a solidariedade, a aprendizagem instrumental de conhecimentos e habilidades e a transformação; participar da comunidade para superar os processos de exclusão que podem ocorrer na sociedade informacional em todos os níveis e, mais concretamente, no âmbito educativo.

Pensar essas mudanças, desafios e possibilidades na educação é necessário, mas, seu foco não pode ficar apenas nas ações pedagógicas dos professores na escola, devem também estar presente no processo de formação acadêmica do professor. Para Morales (2007) as universidades, atualmente são convocadas a assumirem um posicionamento reflexivo e crítico, a fim de se construir uma nova racionalidade que induza à transformação dos paradigmas científicos tradicionais, promova novos conhecimentos e integre diferentes saberes, com a participação da sociedade.

Podemos pensar também se os cursos que formam os profissionais da área, em especial o Licenciado em Educação Física, se preocupam com essa formação e vêem nas alterações ocorridas no meio ambiente uma necessidade, ou não, de mudanças em suas práticas pedagógicas.

Uma pesquisa elaborada por Guimarães, Guimarães e Paranhos (2012) sobre a inserção da discussão da temática ambiental nos cursos de Licenciatura em Educação Física das Universidades Federais do estado de Minas Gerais a partir da análise dos Projetos Políticos Pedagógicos, apresentam os seguintes resultados expressos no Quadro 1, os quais indicam que nas ementas das onze instituições investigadas apenas duas Universidades apresentam indicações de uma discussão sobre meio ambiente. Na primeira delas (Universidade 7) a temática aparece dentro da disciplina

Fisiologia do Exercício II e, a princípio, indica apenas uma concepção que ressalta os efeitos do ambiente deteriorando a saúde humana.

Entendemos que essa perspectiva é válida, porém, o tratamento do tema não pode ficar restrito a esses aspectos, pois assim, corremos o risco de mutilar a complexidade da questão ambiental. Tratar as questões ambientais apenas na perspectiva da saúde é reduzir a discussão sem levar em conta os aspectos políticos, econômicos, históricos e sociais das relações estabelecidas pelo homem com o ambiente. Já na Universidade 08 a expressão meio ambiente aparece como indicativo de “local/lugar” não ampliando, no texto, ideias que superem essa compreensão.

TEMÁTICA AMBIENTAL NAS DISCIPLINAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Universidade	Curso de Licenciatura em Educação Física	Presença de disciplina específica sobre a temática ambiental	Presença da discussão ambiental em outras disciplinas
1	—	—	—
2	—	—	—
3	Sim	—	—
4	Sim	—	—
5	Sim	—	—
6	Sim	—	—
7	Sim	—	Fisiologia do Exercício II
8	Sim	—	Prática Pedagógica do Estudo da Linguagem Corporal
9	Sim	—	—
10	—	—	—
11	Sem dados	Sem dados	Sem dados

QUADRO 1 - (Fonte dos dados: sites das universidades pesquisadas)

De acordo com os dados da pesquisa, a preocupação em discutir a relação entre a formação do profissional de Educação Física e as questões relacionadas ao meio ambiente nos cursos dessa área ainda é muito tênue no Brasil, especialmente se entendemos que somos parte do meio ambiente. Não

é possível conceber ser humano, corpo, natureza, meio ambiente como unidades estanques, daí a necessidade da reflexão sobre a associação desses assuntos em disciplinas que tratem de questões sociais e de desenvolvimento humano.

Vemos atualmente maior preocupação da área com as questões ligadas a saúde e a qualidade de vida, e não é possível pensar em indivíduos saudáveis sem pensar em ambientes saudáveis, ou como alerta Faria Junior (1997, p.168) com a adoção do referencial teórico da promoção da saúde, a “questão ambiental” passou a integrar o rol dos novos objetivos, papéis e compromissos da Educação Física.

O Manifesto Mundial da Educação Física - FIEP2000, corrobora com essa visão quando no seu capítulo XIX, art.22 conclui que todos os responsáveis por qualquer manifestação de Educação Física deverão contribuir com efetividade para que ela seja desenvolvida numa convivência saudável com o meio ambiente, sem causar impactos, inclusive utilizando instalações planejadas e equipamentos preferencialmente reciclados.

Outro ponto a ser discutido durante a formação ambiental do futuro profissional de Educação Física é a situação apontada por Bento apud Da Costa (1997, p.61), quando nos relata que

o cenário desportivo, impulsionado por uma primeira tendência de trazer o desporto para o interior, para o espaço fechado e coberto, é hoje marcado por uma segunda tendência, nomeadamente a de levar o desporto para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para natureza

Essa constatação do autor pode ser discutida sob dois aspectos. O primeiro, é entendido como positivo no sentido de que com a busca por atividades físicas na natureza, teoricamente poderíamos contar que essas pessoas olhariam de maneira diferente para esses espaços, pois sem eles uma atividade prazerosa estaria perdida, ou ainda, que a vida cotidiana conturbada, apressada e limitada muitas vezes apenas com preocupações profissionais traria para essas pessoas, nos momentos com a natureza sentimentos de

prazer, lazer, relaxamento e descontração que nem sempre são vivenciados durante a atuação profissional.

O segundo é que ao considerar a concretização desse olhar para a natureza ao praticar os exercícios, sem um posicionamento epistemológico acerca da relação do homem com o meio, corre-se o risco de permanecermos na perspectiva utilitarista do meio. Além disso, Sauv  (2005) ressalta que a contemplação, apreciação e respeito à natureza não elimina a lacuna existente na relação do homem com o meio ambiente. A prática de esportes em ambientes naturais que se edifica sobre essa perspectiva não contribuiria para o redimensionamento da relação do homem com o meio.

Se a tendência do século XXI é levar o esporte para o espaço aberto, para o ar livre, para natureza, inclusive com a incorporação nos currículos de vários cursos de Educação Física de disciplinas que relacionem o meio ambiente com práticas esportivas, fica evidente que a discussão ambiental dentro desses cursos se torna mais urgente, considerando que o esporte pode se tornar, por um lado, vilão na sua relação com a natureza (quando degrada áreas, adapta terrenos sem estudo de impactos, etc) e, por outro lado, pode o esporte se tornar vítima (quando não houver mais áreas onde se possam praticar esportes em contato com a natureza) (BENTO, 1997).

Para que nenhuma das duas situações aconteça preferimos pensar que o esporte pode ainda ser utilizado como instrumento de sensibilização e discussões sobre o meio ambiente, “do ser que interage no e com o mundo, consigo mesmo e com os outros” (MOREIRA, 1998, p. 143), sendo ele o conteúdo mais trabalhado na Educação Física (BRACHT, 1992).

Como discutido anteriormente, formar um profissional que possa atuar em relação aos problemas ambientais é importante e desafiador, pois pensar a formação de licenciando, direcionada ao campo da Educação Ambiental, vai exigir das instituições formadoras a superação do paradigma cartesiano/mecanicista e das fragilidades impostas por este. A mesma superação que a Educação Física busca em relação ao corpo/objeto para corpo/sujeito deve ser superada em relação ao meio ambiente objeto de uso, de sua utilidade para meio ambiente sujeito presente nas relações do ser humano.

Sobre essa complexidade ambiental Rodrigues e Darido (2006, p.1) afirmam:

Como metas para a educação ambiental, propõe o desenvolvimento da consciência em relação à interdependência das esferas econômica, social, política e ecológica em áreas urbanas e suburbanas e como dotar os indivíduos de conhecimentos, atitudes, motivações, engajamento e instrumentos para a solução e prevenção de problemas. Como objetivos da educação ambiental, são colocados a aquisição de conhecimentos, atitudes e valores sociais que levem à participação ativa na melhoria do meio ambiente. Destaca-se a necessidade da abordagem dos aspectos relacionados ao meio biofísico do homem e as suas complexas relações, bem como as formas de interação do homem com o ambiente, nas dimensões política, social e cultural. Outros pontos a serem considerados são as conseqüências da onda tecnológica que envolve a sociedade, para que o cidadão possa fazer escolhas, tanto do ponto de vista ambiental como social.

Tozoni-Reis (2008), afirma que se a Educação Ambiental tornou-se importante nas discussões sobre a relação dos homens com o ambiente. Nos cursos de graduação isto não pode ser diferente e esse tema tem ocupado cada vez mais espaço. Formamos nas licenciaturas, mesmo que de forma assistemática, profissionais que atuarão direta ou indiretamente como educadores ambientais. Podemos perguntar então: será que estamos realmente promovendo essa formação?

O Artigo 9º, Parágrafo Único da Lei nº9.795/99 (Política Nacional de Educação Ambiental) sobre Educação Ambiental diz “que os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental” (n/p). Já o artigo 2º da mesma Lei indica que a Educação Ambiental é “um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”(n/p), indicando assim a importância desse conteúdo na formação de professores na área. Um destaque é que a legislação em nenhum momento indica a área do saber (biologia, matemática, química, etc) na qual essa discussão deve ser inserida; o que fica claro é que essa

temática deve ser incorporada na formação de todos os professores. Como diz Molero (1999,p.87) “Como é que se pretende integrar a Educação Ambiental na escola sem preparar antes os professores?”

A orientação sobre a inserção dessa temática nas universidades e seus cursos não é nova. O Seminário Regional de Educação Ambiental, acontecido em Budapest na Hungria, em 1983 (UNESCO & UNEP, 1991 apud SATO, 2002) recomendou a implementação da Educação Ambiental nas Universidades. Para isso, já indicava o documento aí produzido que é importante: a) definir os conceitos da Educação Ambiental nas universidades, considerando os aspectos culturais e naturais do planeta; b) focalizar atenções para os trabalhos de campo, em níveis local e global; c) promover a interdisciplinaridade e estabelecer normas para a implementação da Educação Ambiental numa perspectiva supradepartamental.

Não há na política a sugestão da inclusão da temática ambiental como disciplina, porém, mesmo sabendo das limitações do saber disciplinar, entendemos que a inclusão da área como disciplina pode institucionalizar um importante debate para formação dos professores Educação Física. Novamente a Lei nº 9.795/99 esclarece que nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas aos aspectos metodológicos da Educação Ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica (BRASIL, 2009). Assim, se a formação do professor de Educação Física necessita desses “aspectos metodológicos” é importante a sua presença para que os professores não sejam cobrados por competências que não desenvolveram em sua formação.

No Brasil, já existem universidades que incorporaram a discussão ambiental nos cursos de Educação Física, seja como disciplina, seja como projetos. Alguns exemplos podem ser mencionados em disciplinas como “Fisiologia Humana e Recreação e Lazer”, na Licenciatura em Educação Física – Universidade Paranaense (UNIPAR) (<http://www.unipar.br>); “Atividades na Natureza” na Licenciatura em Educação Física (Proposta do novo currículo) – Universidade Estadual de Campinas (www.fef.unicamp.br), “Aprendizagem Motora e Fundamentos Antropológicos e Sociológicos da Educação Física”, na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, todas procurando proporcionar uma valiosa tentativa de incluir uma discussão mais rigorosa da

temática ambiental na formação de professores de Educação Física no nosso país.

A formação de professores para uma sociedade em constante mudança é o que tem que ser pensado pelas instituições formadoras. Assuntos de relevância social como meio ambiente, tecnologia e outros, já discutidos neste texto, são cobrados e estão presentes nas escolas. Para isso, os professores que não tiveram em sua formação contato com esses temas terão que se atualizar ou irão inseri-los em sua aula de maneira superficial, mas, “não é possível impor aos professores a continuidade da auto formação, sem lhes dar a remuneração, o tempo e as tecnologias necessárias para a sua realização” (KENSKI, 2007, p. 106). Provavelmente daqui a algumas décadas outro assunto de relevância social terá que estar presentes nas escolas para debates e reflexões com os alunos, conseqüentemente, um novo pensar sobre a escola, formação e capacitação dos professores terá que estar em pauta.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

*Aquele que não prevê as coisas
longínquas expõe-se a
desgraças próximas.
(Confúcio)*

Nos seções anteriores abordamos o “brincar e o meio ambiente” segundo estudos de autores que dissertam sobre esses temas, buscando assim destacar a importância que o brincar tem para o desenvolvimento da criança e também qual a relação deste com o meio ambiente, tendo como finalidade “[...] conduzir o leitor a determinado assunto e a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa” (FACHIN, 2001, p.125).

Esta etapa foi realizada nas bibliotecas da UFTM e UFG, compreendendo consultas a livros, periódicos, teses e dissertações, além de buscas a artigos através do Portal da Capes, sobre os temas: brincar, meio ambiente e Educação Física escolar. Garimpar essas informações foi fundamental para o pesquisador, permitindo reunir subsídios para criar ligações entre os temas pesquisados que serão indispensáveis na discussão e análise dos dados, trazendo ao investigador “[...] maior segurança para realizar sua ação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 102).

O projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade federal do Triângulo Mineiro - UFTM obtendo sua aprovação conforme parecer nº. 2242, em 25 de abril de 2012 (Anexo 02).

Também faz parte da investigação a pesquisa de campo que tem a proposta apresentada a seguir.

5.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa de campo de caráter qualitativa, a partir da abordagem da análise de conteúdo denominada Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado construída por Moreira, Porto e Simões

(2005). De acordo com os autores, esse tipo de metodologia tem como objetivo desvelar o fenômeno investigativo, resgatando atitudes que se manifestam por tomadas de posição, com significados importantes ou não.

Essa técnica se estrutura nas seguintes etapas descritas pelos autores:

1) Relato Ingênuo: Neste momento, o pesquisador deverá centrar sua preocupação no entendimento do discurso dos sujeitos, que poderá ser obtido através da aplicação de questões geradoras a respeito do fenômeno que se estuda, na forma de questionários impressos, de perguntas a serem respondidas utilizando-se gravadores, ou outra forma. A importância está na construção da pergunta geradora. Esta não pode ser na direção de respostas monossilábicas, o que impediria os sujeitos de emitir seus pensamentos com detalhes. Também a pergunta deve ser feita após explicação do por quê da pesquisa, dando aos sujeitos o tempo necessário para organizarem o pensamento antes da resposta. Se, em alguns casos, o fenômeno a ser investigado exigir mais que uma pergunta geradora, elas deverão ser feitas por etapas, onde a seguinte só deverá ser proferida após a resposta dada à anterior. Caso contrário, as questões subsequentes poderão, em certo sentido, deformar o que se pretendia investigar nas questões anteriores. Deve aqui o pesquisador, se possível, anotar também os comportamentos dos respondentes, no sentido de criar o pano de fundo para melhor interpretar o fenômeno investigado. Para clareza do sentido das palavras aqui empregadas, denominamos relato ingênuo os dizeres do sujeito na sua forma original, sem alterar a grafia ou substituir termos por outros equivalentes. É o discurso em sua vertente “pura”, não sofrendo neste momento nenhum tipo de polimento ou modificação.

2) Identificação de Atitudes: De posse do relato dos sujeitos, deve o pesquisador preocupar-se com dois pontos principais: não perder de vista o sentido geral do discurso do pesquisado, o que pode ser conseguido voltando-se várias vezes à leitura dos depoimentos dos sujeitos, captando o sentido do todo; selecionar as unidades mais significativas dos discursos dos sujeitos, subtraindo-as dos relatos ingênuos, procurando criar indicadores e, posteriormente, categorias que possam servir de referencial para a interpretação. Aqui é fundamental para o pesquisador identificar os

componentes dos enunciados avaliativos, ou seja, os objetos de atitude (pessoas, grupos, ideias, coisas, acontecimentos), os termos avaliativos com significado comum (termos que qualificam os objetos de atitude) e os conectores verbais que ligam no enunciado os objetos de atitude e os termos de qualificação.

3 Interpretação: Com o quadro geral das ideias de cada sujeito montado e caracterizado pela identificação das unidades de significado, bem como as convergências e divergências, o pesquisador passa a fazer a análise interpretativa do fenômeno, buscando compreendê-lo em sua essência, esta entendida como possibilidade de se manifestar após o desvelamento das ideologias que permeiam os discursos dos sujeitos. Para isso, é conveniente agora recuperar os pressupostos teóricos constantes sobre o fenômeno pesquisado, colocados em suspensão ou em “epoché” no momento anterior, confrontando os pontos de vista dos autores com o relato dos pesquisados. Da mesma forma pode-se, através de variação imaginativa, buscar a interpretação dos discursos observando a coerência tópica (no interior dos relatos dos sujeitos), bem como a coerência utópica (relação dos discursos dos sujeitos e o contexto envolvente do fenômeno). Sem a preocupação da busca de generalizações, o que seria a antítese deste caminhar metodológico, o que se pretende neste momento é encontrar *insights* gerais, ou seja, a estrutura do pensamento individual dos sujeitos que pode, como um todo, pertencer a vários outros indivíduos. Aqui, o pesquisador necessita determinar que aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral e quais não o fazem. Por isso ele relê as estruturas dos discursos individuais e considera essas afirmações como referentes a todos os casos. Assim agindo, o pesquisador pode identificar que algumas proposições podem ser tomadas como verdadeiras no contexto geral e outras não.

5.2 Local da pesquisa

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada no CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisas Aplicados à Educação) campus Samambaia da UFG

(Universidade Federal de Goiás) em Goiânia-GO. O CEPAE é uma unidade acadêmica da UFG, atuando nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Atende ao Ensino Fundamental e Médio e Pós-Graduação. É campo de estágio preferencial para alunos das licenciaturas e outros cursos da UFG, bem como de outras instituições. Do seu quadro docente fazem parte professores graduados, especialistas, mestres e doutores. A subárea de Educação Física conta com 08 professores titulares, desses 03 estão de licença, 02 para mestrado e 01 para doutorado, conta também com 03 professores substitutos.

A primeira etapa iniciou-se com o contato com a Diretoria da instituição levando uma carta de apresentação (Anexo 2) para que a mesma permitisse a realização da pesquisa nessa escola. Após informações e esclarecimentos sobre o projeto de estudo foi pedido para que o mesmo processo se repetisse com a coordenação da Subárea de Educação Física, já que os sujeitos da pesquisa seriam os professores desta subárea. Assim, ambas autorizaram a realização da pesquisa na escola envolvendo os professores da Educação Física.

5.3 Sujeitos

Nesta etapa, após a apresentação do termo de autorização da pesquisa para a Diretora da Instituição e para a coordenadora da subárea de Educação Física, foi realizada uma reunião com os professores dessa subárea para que os mesmos tomassem conhecimento da pesquisa a ser realizada, identificando se os mesmos estariam dispostos a participar da entrevista.

Após a apresentação da proposta da pesquisa, o(a) professor(a) que estivesse de acordo e se dispusesse a participar da pesquisa assinou o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (Anexo 3) que foi entregue no dia da entrevista. Após o aceite em participar, o(a) professor(a) passou a ser considerado sujeito da pesquisa, sendo que uma cópia desse termo foi entregue a cada participante da pesquisa.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram escolhidos por atenderem aos critérios estabelecidos neste trabalho, dados obtidos na reunião com a coordenação da subárea de Educação Física do colégio, que são:

- Ser professor de Educação Física;
- Aceitar participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento;
- Ser professor efetivo em exercício e ter exercido a função no Ensino Fundamental 1º e 2º ciclo;

Foi informado ao(à) entrevistado(a) que o(a) ele(a) não teria dano algum se não se dispusesse a participar da pesquisa, bem como poderia desistir dessa participação a qualquer momento. Os professores foram identificados como os números 1, 2, 3, 4, 5.

Diante das entrevistas e os termos devidamente preenchidos, realizou-se uma análise junto as fichas e todos os professores atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos para este trabalho.

5.4 Instrumentos

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista estruturada, em que o entrevistador segue roteiro previamente estabelecido e as perguntas são feitas a indivíduos predeterminados (LAKATOS; MARCONI, 1985), conforme o modelo (APENDICE 4), aplicada aos professores, previamente agendada estabelecendo dia, hora e local. As perguntas foram respondidas oralmente em entrevistas individuais, observando-se os seguintes passos: leitura e explicação geral do objetivo da pesquisa; preparação do entrevistado para resposta (quando é dado o tempo necessário para que ele possa elaborar seu pensamento); apresentação das questões geradoras, sendo que só se apresenta a questão seguinte após a resposta da questão anterior.

As respostas a essas questões foram analisadas sob a ótica dos pressupostos metodológicos elaborados pela técnica escolhida, pois através de manifestações de juízo de valores o ser humano, em sua maneira espontânea

de falar, opina sobre fenômenos que pensa conhecer. O processo da referida técnica se estruturou da seguinte maneira:

a) Transcrição das respostas gravadas; b) Leitura e releitura das respostas na íntegra; c) Escolha dos indicadores do discurso, envolvendo os trechos que no texto trazem significados pertinentes ao objeto estudado, dando subsídios para próxima etapa que consiste na criação das unidades de significados. Nessa fase acontece uma transição entre o que os sujeitos dizem e a interpretação do pesquisador; d) Estruturação dos indicadores a partir da classificação e da apreciação, segundo as interpretações para análise e compreensão do fenômeno.

6 RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

*Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que as
grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.
(Charles Chaplin)*

6.1 Unidades de Significados: Convergências e Divergências

Destacamos que no resultado das entrevistas foram elencados os principais trechos do diálogo feito com os professores, bem como identificados os pontos de divergência e convergência entre os mesmos. As entrevistas na Íntegra encontram-se no Apêndice 4.

Em relação às cinco perguntas utilizadas na entrevista, fizemos o levantamento dos principais trechos dos discursos dos sujeitos que trazem significados relevantes e, na seqüência, realizamos o levantamento dos indicadores, que são considerados “parâmetros quantificados ou qualitativos que servem para detalhar se os objetivos de uma proposta estão sendo bem conduzidos ou foram alcançados” (MINAYO, 2009, p.84). A partir desses indicadores extraídos dos discursos dos sujeitos foram organizados os quadros das categorias de unidades de significados e confrontadas com o referencial teórico.

Pergunta 1 - Para você, quais os sentidos e o que significa brincar na vida da criança e do adolescente?

Professor 1: Indicadores

Brincar é muito importante.

No brincar a criança constrói conceitos e significado de vida.

No brincar a criança utiliza objetos e fantasia.

Brincar é essencial na construção das relações pessoais.

Professor 2: Indicadores

Forma de exercitar a vida.

Assumir funções semelhantes do adulto.

Imita a realidade.

Importante para o desenvolvimento infantil.

Essencial para a vida humana.

Professor 3: Indicadores

Uma necessidade socio-histórica-cultural.

Explora socialização, cognição, desenvolvimento e a afetividade.

Apreensão e ressignificação de conceitos.

Desenvolvimento físico motor.

Professor 4: Indicadores

Percebe sua singularidade.

Imitar o mundo vivido.

Percepção da relação eu/mundo/o próximo

Professor 5: Indicadores

Momento de prazer.

Momento de liberdade.

Momento de extravasar a energia.

Momento de poucas cobranças.

Assume posicionamentos frente as cobranças da sociedade

Quadro 2 – Pergunta 1: Para você, quais os sentidos e o que significa brincar na vida da criança e do adolescente?

Unidades de Significados	SUJEITOS					Porcentagem
	1	2	3	4	5	
Brincar é muito importante para o desenvolvimento	x	X	x	x	x	100%
Construir seus conceitos e significados para a vida	x	X	x	x	x	100%
Brincar é essencial para relacionamento humano	x		x	x		60%
Imita o adulto		X		x		40%
É uma necessidade	x		x			40%
Ressignificação de conceitos	x		x			40%
Momento de prazer					x	10%

As três primeiras unidades de significados apontam uma maior representatividade e convergência presente nos discursos dos sujeitos com relação a aprendizagem e ao desenvolvimento humano. Dois desses indicadores com 100% revelaram que o brincar é muito importante para o desenvolvimento infantil e para a formação de seus conceitos e significados para a vida; o terceiro com 60% afirmou que ele é essencial para o relacionamento humano. Na sequência, com 40%, apareceu o brincar como uma necessidade, imitação do adulto e resignificação de conceitos. Com 10%, apenas um sujeito atribuiu ao brincar o sentido de prazer.

Os dados indicam que há uma convergência relacionadas a ideia de que brincar é importante para o desenvolvimento infantil e auxiliam na construção de conceitos e significados, conforme indicam os fragmentos a seguir: os cinco sujeitos na primeira unidade de significado, entendem que o brincar é importante para o desenvolvimento da criança, na segunda, eles afirmam que o brincar permite a construção de conceitos e significados importantes para a

vida, na terceira, os sujeitos 1, 3 e 4 dizem que o brincar é essencial para o relacionamento humano.

A importância do brincar nessa fase de formação humana é entendida pelos sujeitos entrevistados e também pelos autores que utilizamos no referencial teórico como de extrema importância, pois "é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar" (KISHIMOTO, 2002, p. 139). Nas palavras de Queiroz, Maciel e Branco, (2006) o brincar é considerado para a maioria dos grupos sociais como uma atividade consagrada para o desenvolvimento infantil. Os autores ainda afirmam que:

Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e aos três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida. Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo. (QUEIROZ; MACIEL E BRANCO, 2006, p. 170)

As análises a partir das unidades de significados extraídas das respostas dos sujeitos entrevistados convergem, portanto, aos dizeres dos autores adotados na fundamentação teórica deste trabalho referente ao brincar compactuando que as questões sociais, afetivas, cognitivas estão presentes durante a brincadeira e são importantes para o desenvolvimento da criança e do adolescente. O brincar, a brincadeira, o jogar proporcionam o desenvolver e a vivência dessas questões independente da faixa etária em que se encontra o ser humano, bem como aparece o prazer por vivenciar essas atividades. (QUEIROZ; MACIEL e BRANCO, 2006). "Em todas as idades, o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem" (MOYLES, 2002, p.21).

Pergunta 2 - Para você, quais os sentidos e o que significa o tema meio ambiente?

Professor 1: Indicadores

Não é só tratar do lixo e da poluição.

É tudo aquilo que interfere na sua vida.

Relação do homem com o lugar que vive.

Professor 2: Indicadores

Abrange todo o espaço que vivemos.

Tudo que abrange a humanidade.

Sustentabilidade e preservação.

Algo mais amplo.

Professor 3: Indicadores

Local onde se encontra o sujeito.

Local de relações espaço, tempo, conjuntura socioeconômica.

Onde desenvolve sua mediação com o mundo externo.

Por onde perpassa todo sujeito.

Visão de homem no mundo

Mediações ser humano com o meio ambiente.

Professor 4: Indicadores

Mundo natural no qual o homem está presente.

Meio natural que foi popularizado pelo homem.

Conceito geográfico.

Professor 5: Indicadores

Não conseguiria dar uma definição científica de meio ambiente.

Manifestação da natureza.

Todas as formas de materialização dessa natureza.

Meio ambiente engloba a natureza o homem e suas relações

Quadro 3 - Pergunta 2 – Para você, quais os sentidos e o que significa o tema meio ambiente?

Unidades de Significados	SUJEITOS					Porcentagem
	1	2	3	4	5	
Lugar onde vivemos e nos relacionamos	x	x	x	x	x	100%
Cuidar dos recursos naturais (preservação)	x	x	x	x	x	100%
Questões: sociais, biológicas e tecnológicas		x	x		x	60%
Tudo que abrange a humanidade	x	x				40%
Mundo natural				x	x	40%
Natureza (Mineral, vegetal e animal)					x	10%
Mundo habitado pelo homem				x		10%

Dos sujeitos pesquisados, identificamos nas respostas o seguinte quadro: todos os professores (100%) consideram o meio ambiente como sendo o lugar onde vivemos e nos relacionamos; outras definições como mundo natural e tudo o que abrange a humanidade aparece nos discursos de dois professores (40%) sendo que um professor define mundo natural como natureza (mineral, vegetal e animal) e outro (10%) acrescenta em sua definição que meio ambiente é o mundo habitado pelo homem. Essa relação do ser humano com o meio ambiente, apresentada nas unidades de significados, é para três professores (60%), entendida e definida como: questões sociais, biológicas e tecnológicas, relações essas que refletem na degradação e exploração do meio ambiente e dos recursos naturais; já a preocupação com a

preservação ambiental é apresentada por todos os professores (100%) afirmando que com todo esse avanço é preciso cuidar dos recursos naturais existentes no planeta.

Quando procuramos abordar o tema meio ambiente só então percebemos a complexidade que o envolve. O entendimento de que meio ambiente é apenas o meio natural, fauna, flora ou natureza (mineral, animal e vegetal) sem levar em conta a presença do ser humano ainda é comum por algumas pessoas (TRIGUEIRO, 2003). Mesmo aparecendo esses significados nas respostas dos sujeitos, o entendimento que os cinco professores têm sobre o tema expressa, em seus dizeres, a complexidade que o circunda, como as relações que se estabelecem entre o ser humano/meio ambiente.

Para os professores, o sentido e o significado do meio ambiente compactua com as ideias de alguns autores que compõem o referencial teórico desta dissertação, de um meio ambiente como sendo “um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais” (REIGOTA, 2009a, p.36). Não é apenas o meio em que estamos inseridos; mas também, as relações estabelecidas entre meio/ser humano/outro de “categoria sociológica relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, bem como por novos potenciais produtivos” (LEFF, 2002a, p.160).

Outra unidade de significado de relevância para esse trabalho e que teve 100% de convergência, refere-se ao cuidar dos recursos naturais (preservação), indicando com isso ser inviável pensar o meio ambiente sem os efeitos da ação do ser humano. Nas respostas, os professores relatam que a crise advinda das mudanças ocorridas no meio ambiente seja de âmbito social, político, urbano, cultural, econômico, ambiental entre outras, afetam diretamente a humanidade, pois, essa relação homem e meio ambiente se faz presente desde a sua existência. Não é mais viável refletir sobre o meio ambiente sem considerar essas relações e os impactos crescentes e onipresentes advindos dessa crise (MORAES, 2009; LEFF, 2003).

Pergunta 3 – Para você, o brincar das crianças e adolescentes tem sido alterado em função das modificações ambientais da sociedade atual? Sim? Não? Por quê?

Professor 1: Indicadores

Sim.

A criança está sendo criada num ambiente cada vez menor.

Seus hábitos de brincar mudaram.

Não pode mais brincar na rua.

As crianças que vivem em cidades tem restrição de espaço.

As cidades do interior favorecem o brincar.

Professor 2: Indicadores

Sim.

O brincar é determinado pela organização social.

A mudança da sociedade interfere de forma direta e objetiva na brincadeira.

Não se brinca mais na rua.

A brincadeira muda com a mudança da sociedade.

O brincar reflete a forma que a sociedade está organizada.

Professor 3: Indicadores

Sim.

A sociedade interfere no brincar.

O brincar é visto dentro de uma perspectiva de criação sócio-histórica.

A mudança muda o sentido e significado do brincar.

A sociedade moderna trouxe a digitalização dos jogos.

Imobilismo no brincar.

O aspecto sócio-motor do brincar se consolida de maneira diferente.

Prejudica o aspecto sócio-motor.

Possibilidades de interação e mediação frente as novas tecnologias: pode potencializar ou prejudicar (afetividade, socialização, individualismo, egoísmo, coisificação do humano).

Possibilidades educativas.

Professor 4: Indicadores

Sim.

O brincar foi modificado pelas tecnologias, relações sociais e novas formas de comunicação.

O avanço da tecnologia, comunicação, violência, urbanização afetou a maneira de brincar.

A rua não é um lugar seguro para brincar.

Professor 5: Indicadores

Sim.

Várias modificações inclusive a tecnologia.

Os espaços para brincar diminuíram.

Os aspectos motor, afetivo e social do brincar foram afetados com as mudanças ambientais.

A tecnologia contribuiu negativamente no aspecto motor do brincar.

É notório que as crianças e adolescentes perderam muito.

Quadro 4 – Pergunta 3 – Para você, o brincar das crianças e adolescentes tem sido alterado em função das modificações ambientais da sociedade atual? Sim? Não? Por quê?

Unidades de Significados	SUJEITOS					Porcentagem
	1	2	3	4	5	
Sim	x	x	x	x	x	100%
Mudança determinada pela organização social	x	x	x	x		80%
Crescimento urbano	x	x		x	x	80%
Avanço tecnológico			x	x	x	60%
Comportamento (individualismo, egoísmo, afetividade, socialização...)			x	x	x	60%
Imobilidade (aspecto motor)	x		x		x	60%
Insegurança	x			x		40%
Ambiente cada vez menor	x					20%
Sentidos e significados diferentes			x			20%
Cidades do interior são menos afetadas	x					20%

As unidades de significados deste quadro indicam: todos os sujeitos (100%) afirmaram que o brincar tem sido alterado com as mudanças ambientais na sociedade atual. Quatro sujeitos (80%) revelam que essas mudanças são determinadas pela organização social e pelo crescimento urbano, seguido com 60% pelo avanço tecnológico. Partindo destas constatações, acreditamos que as demais são reflexos das mesmas. Com o crescimento urbano, por exemplo, quatro professores (60%) dizem que a rua não é mais um local para brincar como era em décadas passadas e dois professores (40%) ainda acrescentam a falta de segurança e espaços cada vez menores. Três professores (60%) atribuem ao avanço tecnológico um novo sentido e significado do brincar frente à essa nova realidade da sociedade contemporânea, prejudicando o aspecto motor e também o aspecto

comportamental relacionado ao individualismo, egoísmo, afetividade e socialização.

As unidades de significados levantadas neste quadro convergem com os dados teóricos apresentados nesse trabalho, atribuindo as mudanças que ocorrem no meio ambiente a sua influência sobre o brincar, dando ao brincar uma nova configuração, assumindo novos valores, conceitos, cultura e significados, presente na sociedade atual.

O crescimento urbano tirou a criança dos espaços públicos abertos e as colocou dentro de suas casas ou apartamentos. As ruas são projetadas para os carros e a insegurança não permite mais brincar em lugares sem a companhia de um adulto (FELDMANN, 2003; DUARTE JUNIOR, 2010).

A falta de espaços faz dos equipamentos tecnológicos uma saída para o lazer, à diversão e o brincar. A tecnologia e tudo o que ela pode oferecer à humanidade é importante e deve ser aproveitada da melhor maneira possível; não podemos negá-la. Kenski (2007, p.19) ressalta isso ao afirmar que a “as tecnologias invadem nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar...”, esse é o lado bom, mas a autora termina a frase dizendo “... e fragilizam as capacidades naturais do ser humano.”

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos. A ampliação e a banalização de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. (KENSKI, 2007, p. 21)

O brincar sozinho, com o outro, em grupo ou com o brinquedo são maneiras de brincar e todas elas devem estar presentes no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente; as relações estabelecidas nas diferentes maneiras de brincar são diferentes, porém todas importantes. O que se observa é a prevalência do vídeo-game, da televisão e da internet como prioritária forma de brincar e divertimento, justificando as respostas dos professores quando alertam para diminuição do gesto motor (sedentarismo) e contribuindo negativamente com questões comportamentais como afetividade,

socialização, individualismo e o egoísmo (SILVA, LOPES & SILVA, 2007; ALMEIDA SHIGUNOV, 2000).

Percebe-se nas respostas para essa questão sua proximidade com o referencial teórico que acompanha esse trabalho. Notou-se que os sujeitos envolvidos foram enfáticos, demonstrando que se encontram próximos do conhecimento sobre as questões relacionadas ao brincar e ao meio ambiente.

Pergunta 4 - O conteúdo/conhecimento brincar deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Professor 1: Indicadores

Sim.

Falta de vivência no brincar.

Crianças criadas em apartamentos.

A criança tem que correr, pular, descer, trepar.

Professor 2: Indicadores

Sim.

É necessário para conhecer o mundo que vive.

Importante no processo de compreensão da sociedade.

O brincar expressa valores presentes na sociedade.

Professor 3: Indicadores

Sim.

É um elemento da cultura corporal e conteúdo da Educação Física.

Ao brincar na escola o aluno se apropria de um certo conhecimento.

Professor 4: Indicadores

Sim.

Possibilita a percepção do mundo vivido.

A escola deve propiciar o brincar as crianças.

Professor 5: Indicadores

Sim.

O brincar deve estar sempre presente nas aulas de Educação Física.

O brincar proporciona prazer e alegria.

Conteúdo da Educação Física.

Outras disciplinas devem utilizar o brincar no processo de ensino-aprendizagem.

Quadro 5 – Pergunta 4 - O conteúdo/conhecimento brincar deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Unidades de Significados	SUJEITOS					Porcentagem
	1	2	3	4	5	
Sim	x	X	x	x	x	100%
Compreender o mundo que vive		X		x		40%
Prática social			x	x		40%
Conteúdo da EF			x		x	40%
Falta de vivência	x					20%
Vivenciar habilidades motoras	x					20%
Desenvolver valores		X				20%
É importante		X				20%
Apropriação de conhecimentos			x			20%
Recurso pedagógico					x	20%
Fonte de prazer					x	20%

Os sujeitos ao serem questionados sobre a presença do brincar nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental foram unânimes (100%) em afirmar a importância deste conteúdo/conhecimento nas aulas. Sendo o brincar um dos conteúdos da Educação Física (Rosário e Darido, 2005) e os sujeitos da pesquisa, professores dessa disciplina, apenas dois sujeitos (40%) disseram que a presença do brincar nas aulas se dá por ele ser um conteúdo da

Educação Física; essa mesma porcentagem aparece no discurso dos sujeitos que reconhece o brincar como uma prática social e também que ele favorece a compreensão do mundo em que vivemos. Outros sete indicadores com a porcentagem de 20% cada, e que representa quatro sujeitos, caracteriza o brincar como: promove o desenvolvimento das habilidades motoras; é considerado uma fonte de prazer; possibilita a apreensão de conhecimento; é um recurso pedagógico; é propício para o desenvolvimento de valores.

Apesar desses traços de possíveis divergências nas respostas, a somatória delas apresenta uma convergência com o referencial teórico estudado. A justificativa do sujeito 1 sobre a importância do brincar nas aulas de Educação Física converge com os dizeres de Queiroz e Pinto (2010, p.12) ao afirmarem que a “ação motora da criança vem diminuindo drasticamente como consequência dessa mudança de estilo de vida, bem como suas relações com a família e a sociedade em que estão inseridas” e com o escrito de Marcellino (2002), o qual enfatiza que as brincadeiras proporcionam oportunidades de vivências e aprendizagem motoras.

As unidades de significados extraídas dos indicadores apresentados apenas pelo sujeito 2 estão presentes no discurso de alguns autores utilizados no corpo teórico deste trabalho. Com relação a eles Almeida e Shigunov (2000) afirma que o brincar possibilita a socialização, novas descobertas e percepção do contexto no qual ela está inserida, pois a aquisição de valores, de sentidos e de significados se faz presente nessas relações. Machado (1999) é quem diz que os valores culturais presentes nas sociedade são vivenciados pela criança durante o brincar; enquanto Loro (2010) descreve que as relações vividas durante as brincadeiras são vias de aprendizagem, de convivência e de amor com o outro. Finalmente, Kishimoto (2002), ao defender o brincar como a fase mais importante da infância.

Kishimoto (2002) comenta ainda que as brincadeiras permitem a criança interagir com pais, adultos e coetâneos, bem como explorar o meio ambiente. Nessas relações valores pertencente ao mundo dos adultos são transferidos gradativamente para as crianças e adolescentes. Os valores de respeito, cooperação, amor, responsabilidade, honestidade, entre outros, com isso a construção social e cultural vai se concretizando durante o ato de brincar.(QUEIROZ; MACIEL E BRANCO, 2006; FREIRE, 2002; LORO, 2010)

Para finalizar a análise deste quadro deixamos o indicador extraído da fala do sujeito 5 que atribui ao brincar a qualidade de recurso pedagógico, recurso esse que não é de exclusividade da Educação Física. Todas as disciplinas podem se utilizar do brincar, do jogar, de brinquedos como uma maneira lúdica de transmitir o conhecimento desejado. O jogo dentro da escola sendo utilizado como um recurso pedagógico pelo professor, deve ter seus objetivos e saber o que se quer desenvolver, como nos alerta Freire (1989, p. 75):

O jogo realizado como conteúdo da escola deve ser aquele que se inclui num projeto, que tem objetivos educacionais, como qualquer outra atividade. Dentro do brinquedo, orientando-o, a professora deve saber onde chegar, o que desenvolver. Pode estar pensando em habilidades motoras, como as corridas, os saltos, os giros, ou em habilidades perceptivas, como as noções de tempo e espaço, a manipulação fina de objetos. Em outros momentos pode colocar ênfase na formação de noções lógicas, como seriação, conservação e classificação. Em outros, ainda, o objetivo poderia ser o trabalho em grupos, como forma de desenvolver a cooperação. Mas, principalmente, o objetivo educacional deveria ser o de criar atividades que facilitem as crianças à tomar consciência de seu corpo e de suas ações.

Pergunta 5– O tema meio ambiente deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Professor 1: Indicadores

Sim.

Deve ser discutidos em todas as disciplinas.

Criar situações para abordar o tema.

Pode estar incluído em todos os ciclos da Educação Física.

O professor tem que estar atualizado.

Professor 2: Indicadores

Sim.

Se o ser humano vive e convive nesse meio ambiente ele deve ser tratado na escola.

É um tema que tem que ser abordado por todas as disciplinas.

Sempre que possível relacionar o conteúdo com o tema meio ambiente.

Professor 3: Indicadores

Sim.

Por ser um eixo transversal deve ser tratado por todas as disciplinas.

É uma temática contemporânea.

Para uma melhor preservação.

Para apreensão desses conhecimentos pelos alunos

Professor 4: Indicadores

Sim.

Percepção do mundo vivido ao mundo natural.

Essa temática deve ser tratada por todas as disciplinas.

Professor 5: Indicadores

Sim.

É um tema da atualidade

Se estiver inserido no projeto político pedagógico.

Contextualizar com o conteúdo da disciplina.

Quadro 6 – Pergunta 5- O tema meio ambiente deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Unidades de Significados	SUJEITOS					Porcentagem
	1	2	3	4	5	
Sim	x	x	x	x	x	100%
Não só na EF, mas em todas as disciplinas.	x	x	x	x	x	100%
Articular com o conteúdo da disciplina	x	x	x		x	80%
Atualização profissional do professor em relação ao tema	x					20%
Temática contemporânea			x			20%
Projetos transdisciplinar			x			20%
Percepção de mundo				x		20%
Se pertencer ao PPP					x	20%

Dos sujeitos pesquisados, identificamos nas respostas o seguinte quadro: os cinco sujeitos (100%) são favoráveis que o tema meio ambiente deva estar presente nas aulas de Educação Física no ensino fundamental; essa mesma porcentagem aparece nas respostas dos sujeitos afirmando que esse tema deve ser tratado não só pela Educação Física, mas por todas as disciplinas presentes na escola; outro indicador com alta convergência (80%) refere-se ao fato de trabalhar o assunto meio ambiente nas aulas, sendo que o professor deve articulá-lo com o conteúdo da disciplina.

Outras cinco unidades de significados, com a porcentagem de 20% cada, representando quatro sujeitos, caracterizam a presença do tema meio ambiente nas aulas de Educação Física como: necessidade de atualização profissional para abordar o tema; considerado importante; como abordagem apresentada em projetos transdisciplinares; como percepção de mundo; como um tema que deva pertencer ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Três dessas unidades apresentam uma convergência com o referencial teórico deste trabalho. A do sujeito 4 se expressa nas palavras já mencionadas de Inforsato e Fiorante (2010), quando afirmam, que para uma melhor percepção de mundo há uma necessidade de superar as ideias mecanicistas e dualistas ainda presente na educação. Nesse sentido, a Educação Física, cada vez mais, é pensada dentro de um paradigma sistêmico, integrado e dinâmico. Sem esse entendimento torna-se difícil articular a complexidade que permeia as múltiplas dimensões do ser humano e sua relação com o meio ambiente.

“A educação para a cidadania requer, portanto, que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos” (BRASIL, 1997a, p.25), tornando o assunto meio ambiente um dos temas transversais. A importância do trato desse assunto nas escolas é o indicador apresentado pelo sujeito 3 e está relacionado a atualização dos professores sobre o tema, resposta obtida do sujeito 1. A escola tem como função possibilitar aos alunos o acesso as informações importantes que perpassam por questões sociais, políticas, econômicas, entre outras, e também reflexões e debates sobre temas relevantes presentes na atualidade (LIBANEO, 2010). Cabe, portanto, ao professor estar preparado, atualizado e informado sobre assuntos importantes que perpassam a sociedade.

Entendemos que esses temas relevantes socialmente devem estar presentes nos currículos de formação profissional. Como exigir do professor se em sua formação ele não teve contato com o conteúdo? Percebemos isso na pesquisa apresentada no corpo teórico deste trabalho e que foi elaborada por Guimarães, Guimarães e Paranhos (2012) sobre a inserção da discussão da temática ambiental nos cursos de Educação Física, constatando que não há preocupação em abordar esse tema na formação profissional do licenciado deixando que ele, por sua própria conta, busque o conhecimento sobre o tema.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Batendo a bola e a peteca
A menina não ouvia
O chorinho da boneca
Que do canto a espia.*

*Até que a bola ligeira
Correu pro canto da sala
E então alegre e faceira
No colo a menina a embala.*

*Agora também a bola
Mostrava a sua tristeza,
Fica no canto e rola
Perdendo a sua esperteza.*

*A peteca depenada
Também faz cena e chora
E a menina enfadada,
Larga tudo e vai embora.*

*Pensando no que fazer,
Com um sorriso ela recorda:
e as duas mãos a bater
Vai pro quintal pular corda.
(Lídia Sendin)*

Observamos transformações na nossa sociedade que exigem ações rápidas, inteligentes, eficazes e condizentes com a realidade. Refletir sobre questões relacionadas ao meio ambiente e o que isso implica para a humanidade, sobre as mudanças culturais advindas de alterações na economia, na política, no crescimento urbano, na mídia, na segurança, entre outras, se faz necessário e foi o que nos moveu para realizar este trabalho.

O primeiro passo dado rumo às discussões apresentadas foi entendermos qual sentido e significado de meio ambiente. A definição que assumimos diante do referencial teórico utilizado é que meio ambiente não pode ser considerado apenas o lugar em que vivemos ou a natureza. Ele é uma categoria sociológica e que todas as relações estabelecidas entre ser humano/meio ambiente/ser humano se consolidam tornando parte de um todo

e que não há possibilidade de desvincular o ser humano e suas ações nesse meio ambiente.

É esse também o sentido e significado de meio ambiente concebido pelos professores sujeitos da pesquisa, que o entendem como um todo do qual o ser humano também é parte. Com esse entendimento as cobranças que as vezes fazemos a nós mesmo causa certa inquietação. Qual a nossa atitude a partir desse conceito assumido? Qual o reflexo desse conceito assumido em nossas ações?

O reflexo das ações do ser humano no meio ambiente está configurado a partir das últimas décadas do século XX, segundo Leff (2003), como uma crise civilizatória, pela qual perpassam segundo Guimarães (2009), interesses políticos, econômicos e sociais. É a crise de um modelo de sociedade e seu modo de produção que aliada ao avanço tecnológico cria necessidades e estimula o consumo em nome do progresso.

O crescimento urbano e a tecnologia (representada pelos jogos eletrônicos e a Internet) foram os indicadores mais apresentados pelos sujeitos da pesquisa quando perguntado que aspecto do meio ambiente tem influenciado as brincadeiras das crianças e adolescentes. Vale ressaltar novamente que todas essas conquistas e avanços, principalmente o tecnológico, são importantes se utilizados com consciência. A tecnologia, por exemplo, é importantíssima e muito útil no processo educacional. Porém, o que se observa é que ela vem se solidificando na sociedade contemporânea e tem se tornado a melhor opção de entretenimento e diversão fazendo com que pessoas passem horas utilizando esses produtos. (KENSKI, 2007)

Per si só, a menção anterior não poderia ser considerada um problema. Este passa a existir quando o desfrute tecnológico propicia o sedentarismo, a falta de movimentação. E é sempre importante lembrar que é o movimento que garante a continuidade da vida.

Frente a essa realidade as brincadeiras também se modificaram, considerando que a todo o momento influenciados e somos influenciados pela sociedade e pela cultura que pertencemos. O brincar, mesmo estando diferente de outras épocas, o que é normal, ainda continua sendo uma atividade presente e importante para o desenvolvimento global do ser humano.

Importância essa compactuada pelos sujeitos da pesquisa e pelos autores utilizados no referencial teórico.

Após refletirmos a partir dos teóricos sobre o meio ambiente e as mudanças que nele vêm ocorrendo na atualidade, relacionando isto com o brincar e a importância deste para o desenvolvimento humano, chegamos ao entendimento que a Educação Física frente a essa realidade deve, por meio de seus conteúdos/conhecimentos inserir possíveis abordagens sobre o tema meio ambiente em suas aulas, podendo fazer uso do brincar para levar aos alunos informações sobre o assunto.

As atividades elaboradas pelo professor devem valorizar o prazer, a espontaneidade, o respeito às diferenças, à sensibilidade, aos aspectos qualitativos dos alunos e não somente com um caráter competitivo, em que o rendimento é aferido por meio de padrões pré-estabelecidos, já que esta postura tradicional é confrontada por uma posição crítica e reflexiva sustentada por interpretações de cientistas, pensadores, filósofos e educadores que acreditam ser possível a transformação da prática pedagógica dos professores de Educação Física na escola (FIORANTE e INFORSATO, 2010).

Temos que partir para olhar o aluno não apenas como um corpo fragmentado, que hora pensa e em outro momento corre e brinca, entender o aluno em sua existência e interação no e com o mundo, consigo mesmo e com os outros, assumir essa complexidade presente no ser humano (MOREIRA, 1998; MOREIRA e SIMÕES 2006).

Se nossa primeira relação com o mundo se dá pelo corpo, por meio dos sentidos corporais, a partir dele estruturamos nossos pensamentos e reflexões, bem como se considerarmos a Educação Física uma disciplina que explora os sentidos em seus conteúdos/conhecimentos. O profissional desta área deve procurar minimizar os efeitos negativos das mudanças ambientais, proporcionando inúmeras possibilidades de atividades para que o aluno, por meio da relação meio ambiente/brincar, possa construir conhecimentos e saberes e conhecer um pouco mais sobre as suas potencialidades corporais.

Para instigar a todos os envolvidos à reflexão com os assuntos apresentados e as novas ações no processo de ensinar para a vida, apropriamo-nos das palavras de Duarte Junior (2010, p.125):

Sem sombra de dúvida, necessita-se atualmente de uma maior atenção ao nosso corpo, quantitativa e qualitativamente, para que ele não seja vivido como mero objeto, que ou se deixa esquecido e de lado enquanto a mente se ocupa de outros afazeres, ou se ponha em primeiríssimo plano e sobre o qual se operem processos quase industriais de correções, retoques e supostos aprimoramentos. Antes, o que se busca deve ser um zeloso cuidado, pelo qual ele seja mais educado do que ratificado ou esquecido, num constante processo em que se ponham em equilíbrio tanto o sentir quanto o pensar, tanto o sensível quanto o inteligível, em que se tenham, em iguais proporções, o concreto e o abstrato, o real e o virtual ou, metaforicamente, a montanha e o *videogame*.

Neste momento de reflexão final, compreendemos que as mudanças ambientais interferem no modo de viver das pessoas, modificando-o e fixando novos valores e costumes, ou até mesmo estabelecendo uma nova cultura; o brincar, mesmo se configurando com o novo modelo de sociedade ainda é prática importante na infância e adolescência no processo de desenvolvimento; acreditamos ainda que investir no processo de formação profissional se faz necessário incluindo discussões de temas importantes presentes na sociedade nas disciplinas dos cursos de formação em Educação Física e também em outros cursos. A formação de professores para uma sociedade em constante mudança deve ser pensada pelas Instituições de Ensino Superior visando preparar profissionais conscientes, para analisar criticamente as inovações e as sucessivas mudanças que ocorrem no meio ambiente.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. P. C. de, SHIGUNOV, V., A atividade lúdica infantil e suas possibilidades. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 69-76, 2000.

ANTUNES, P. de B. **Direito Ambiental**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1998.

BENTO, J.O. Desporto, cidade, natureza: Introdução ao tema. In: DA COSTA, L. (org) **Meio Ambiente e Desporto: uma perspectiva internacional**. Porto/Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física/Universidade do Porto, 1997.

BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2005.

BEVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, dez. 2009.

BÍBLIA, Livro de Eclesiastes, **BÍBLIA de estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL, **Diário Oficial da União, Lei nº 9.795** de 27/04/99 sobre Educação Ambiental, 2009. in: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm (acesso em 04/03/2011).

BRASIL. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a **Política Nacional de Educação Ambiental** e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L9795.htm>. Acesso em 26/04/2012

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Meio Ambiente e Saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : Educação física /Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília :MEC/SEF, 1997b.

BRENELLI, R. P. **O jogo como espaço para pensar**. Campinas, Papyrus, 1996.

- BROUGERE, G. **Jogos e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CAMARANO, A. A.; BELTRÃO, K. I. **Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século**. Ipea, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0766.pdf - Acesso em: 27/09/2012.
- CAMPOS, C., C., G., de; SOUZA, S., J., e. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 1, 2003.
- CERISARA, A. B. De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. In: KISHIMOTO T. M. (Org.), **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.
- D'ANGELO, A. C., **Valores e significados do consumo de produtos de luxo**. Dissertação de mestrado em Administração – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- DA COSTA, L. (org) **Meio Ambiente e Desporto: uma perspectiva internacional**. Porto/Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física/Universidade do Porto, 1997.
- DARIDO, S. C. Os Conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. IN: **Perspectivas em Educação Física Escolar**, v. 2, n. 1, 2001.
- DE MARCO, A.,r (org.). **Pensando a educação motora**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- DIAS, M. C. M., Metáfora e pensamento: Considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, T. M., **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3.ed. -. Sao Paulo: Cortez, 1999.
- DUARTE JR, J. F. **A Montanha e o Videogame**: escritos sobre educação. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**, 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FARIA JUNIOR, A. G. de, O conflito entre o desporto e conservação do ambiente. In: DA COSTA, L. (org) **Meio Ambiente e Desporto: uma perspectiva internacional**. Porto/Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física/Universidade do Porto, 1997.
- FEILITZEN, C. V. Perspectiva sobre a criança e a mídia / Cecília Von Feilitzen e Catharina Bucht: tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho – **Brasília: UNESCO, SEDH/Ministério da Justiça**, 2002.

FELDMANN, F., A parte que nos cabe: consumo sustentável. In: SIRKIS, A., TRIGUEIRO, A., CAMARGO, A., **MEIO ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 2.ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FIEP, A Educação Física e as responsabilidades diante do meio ambiente. In: **Manifesto Mundial da Educação Física**, 2000.

FIORANTE, F. B. **Educação Física Escolar: jogar é preciso**. Piracicaba, 2008. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba.

FLECHA, R. & TORTAJADA, I. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: **F. Imbernón (Ed.)**, A Educação no século XXI. Os desafios do futuro imediato (pp. 21-36). Porto Alegre: ArtMed. 2000.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. A educação dos sentidos e a qualidade de vida: a escola de Dona Clotilde In: MOREIRA, W.W. (Org), **Qualidade de vida: complexidade e educação**, Campinas: Papyrus, 2001.

_____. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed. Campinas, Autores Associados, 2002.

_____. **Educação como prática corporal**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

FRIEDMANN, A. **Brincar: Crescer e Aprender: o Resgate do Jogo**. São Paulo: Moderna. 1996.

GALLAHUE, D. L., OZMUN, J. C., **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GARCIA, M. H. C., GARCIA, M. N., PAULA, R. L. de, Temas Transversais: a abordagem pelos professores de língua materna no ensino fundamental em sala de aula. **REL – Revista Eletrônica de Letras** - Número 3 - Edição 03 – 2010.

GUIMARAES, A. M. ; GUIMARAES, S. S. M. ; PARANHOS, R. de D. . A Formação Ambiental dos Professores de Educação Física do Estado de Minas Gerais/ Brasil: o que revelam os projetos políticos pedagógicos das universidades federais?. In: **8o Congresso Internacional de Educación Superior - Universidad 2012, 2012, Havana. 8o Congresso Internacional de Educación Superior - La Universidad por el Desarrollo Sostenible**. Havana: Distribuidora Nacional ICAIC, 2012. v. 1. p. 619-626.

GUIMARÃES, S. S. M. **Educação Ambiental e sustentabilidade: as ideias dos alunos de um curso de Biologia**. Piracicaba, 2009. 130 p. Dissertação [Mestrado] – Programa de Pós-Graduação em Educação, Unimep.

_____. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (org.) **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006.

_____. **O saber ambiental na formação dos professores de biologia**, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), 2010.

GRÜN, M., **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INFORSATO, C. F., FIORANTE, F. B., Corporeidade: por uma abordagem humanizadora do corpo em busca da existencialidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 2, n. 2, p. 135-144, 2010.

JACOBI, P., Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, Papirus, 2007.

KISHIMOTO, T. M., **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**, Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl.4, p.7-14, 2001.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning. 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas, 1985.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

LEFF, E.. **Epistemologia ambiental**, São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2002b.

LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, J. C.; **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente**, Cortez, 2010.

LORO, A. P., **Fomacao de professores e representações sobre o brincar**, São Paulo, Ícone, 2010.

LOUREIRO, C.F.B. LAYRARGUES, P.P. E CASTRO, R.S. de (org) **Educação Ambiental: Repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCENTINI, L., **A temática ambiental como proposta para aulas de educação física na 4ª série do ensino fundamental**. Dissertação de mestrado em Educação Física da UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

MACHADO, M. M., **O brinquedo sucata e a criança – A importância do brincar – Atividades e materiais** , São Paulo, Editora Loyola, 1999, 3 edição.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Pedagogia da animação**. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2005.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventura: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.

MARTINS, I. C. **As relações do professor de educação infantil com a brincadeira: do brincar na rua ao brincar na escola** . Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Metodista de Piracicaba. 2009.

MEDEIROS, E.B.M. Brincadeiras e brinquedos como manifestação cultural. **Cadernos do EDM: Comunicações & Debates**, v. 2, p. 132-140. 1990.

MELLO, E.D. LUFT, V.C. MEYER, F. Obesidade infantil: como podemos ser eficazes? **Jornal de Pediatria** - v. 80, n 3, 2004.

MORALES, A. G. M. O Processo De Formação Em Educação Ambiental No Ensino Superior: Trajetória Dos Cursos De Especialização. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.V.18/ Jan-Jun/2007** In: <http://www.remea.furg.br/indvol18.php> (acesso em: 25/03/2008).

MOLERO, F.M. **Educación Ambiental**. , Madri/Espanha: Síntesis S.A., 1999.

MOLLO-BOUVIER, S.; Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, 2005.

MORAES, F. A. **As concepções de Meio Ambiente e Natureza: Implicações nas práticas de Educação Ambiental de professores da Rede Estadual de Ensino no Município de Aparecida de Goiânia - GO.** Goiânia, 2009. 107 p. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal de Goiás -Programa de Pós-Graduação em Educação e Matemática.

MOREIRA, W. W. (org).- **Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI.** Campinas: Papyrus, 1992.

MOREIRA, W.W., **Corporeidade e a busca de novas palavras para o saber: uma das tarefas da Educação Motora;** Anais do I congresso Latino Americano de Educação Motora II Congresso Brasileiro de Educação Motora - Foz do Iguaçu, p. 143 – 149, 1998.

_____. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio.** Piracicaba: Unimep, 2000.

MOREIRA, W. W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **R. bras. Ci. e Mov.**; v. 11, n. 3: p. 85-90, 2003.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **R. bras. Ci e Mov.** 13(4): 107-114, 2005.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R., Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa. In De MARCO, A., (org)., **Educação Física: Cultura e Sociedade** – Campinas, SP, p. 71 - 85, 2006.

MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Rev. Bras. Educ.**, n.23, pp. 156-168. 2003.

MOREIRA, E. C., PEREIRA, R. S., LOPES, T. C., Considerações, reflexões e proposições para a Educação Física na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. In: MOREIRA, E. C., NISTA-PICCOLO, V. L., (organizadores). **O quê e como ensinar educação física na escola.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

MORIN, E.. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOTOMURA, O., Prefácio. in: CAPRA, F., **A Teia da Vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996.

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINAYO, M. C. de S. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. **Rev. bras. educ. med.** 2009, v.33, s.1, p. 83-91

NETO, S., J.; O jogo de bolinhas de gude. **Cadernos do folclore.** MEC. 1997.

NETO, A.S.; et al.; Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – São Paulo, v. 3, n. 3: p. 135-140, 2004.

NETO, C. Desenvolvimento da motricidade e a “culturas de infância” In MOREIRA, W.W. SIMÕES, R. (Orgs), **Educação Física: Intervenção e Conhecimento Científico**, Piracicaba: Editora Unimep, 2004.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Educação física escolar: ser___ ou não ter?**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1993.

NISTA-PICCOLO, V. L., MOREIRA, W. W., **Esporte para a saúde nos anos finais do Ensino Fundamental.** 1 Ed., São Paulo, Ed. Cortez, 2012.

NISTA-PICCOLO, V. L., MOREIRA, W. W., **Corpo em movimento na educação infantil.** Editora Cortez, 2012.

NÓBREGA, T. P. da. **Corporeidade e Educação Física: do corpo objeto ao corpo sujeito.** 2 ed. Natal: EDUFRN Ed. da UFRN, 2005.

NUNES, B. F., Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. **Soc. estado.** vol.22, n.3, pp. 647-678. 2007.

OLIVEIRA, Z. R., de. **Educação infantil; Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, M., R., F., de. O Brincar na Sociedade de Consumo: Em Busca da Superação da Lógica de Padronização e Propriedade do Brinquedo. **Revista Eletrônica de Educação.** Ano I, N. 01, 2007.

OROZCO, G. G., Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-70, 2002.

POLETTO, R. C.; A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar, in: **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67-75, 2005.

PORTO, T. M. E., As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. **Rev. Bras. Educ.** v.11, n.31, p. 43-57. 2006.

QUEIROZ, L. T. DA S., PINTO, R. F., A criança: fatores que influenciam seu desenvolvimento motor. Artigo de revisão. **Revista Digital - Buenos Aires -** Ano 15 - Nº 143 - 2010.

QUEIROZ, N., L., N., de; MACIEL, D., A.; BRANCO, A., U.; Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, 2006.

REGIS DE MORAIS, J. F. Consciência Corporal e Dimensionamento do Futuro. In: MOREIRA, W.W. (org) **Educação Física e Esporte: perspectiva para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1993.

REGIS DE MORAIS, J. F. **Consciência corporal e dimensionamento do futuro**, in: Moreira, W. W. (Org) - Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI, 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001a.

_____. **Meio ambiente e representação social**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O que é Educação Ambiental**. 2 edição. São Paulo: Brasiliense, 2009a.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da educação**. – São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1990.

RODRIGUES, L. H., DARIDO, S. C., Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 11 - Nº 100 - 2006 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd100/ma.htm>, Acesso: 05/2012

ROSA, I. M. C. O Meio Ambiente como tema transversal na escola: limites e desafios. **Educativa**. Goiânia: v.05, nº1, p.197-207, 2002.

RETONDAR, A. M., **A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, 2008.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO S. C.; A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes, in: **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

SAGAN, C., **Bilhões e bilhões: reflexões sobre a vida e morte na virada do milênio**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade, in: MOREIRA, W. W. (Org) - **Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI**, 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.2, p.317 - 322, maio/ago. 2005.

SILVA, J. V. P.; TOLOCKA R. E.; MARCELLINO N. C. Lazer infantil: direitos legais, transformações sociais e implicações ao crescimento e habilidades motoras básicas, **Licere**. Belo Horizonte, v.9. n.1 p.81-96, 2006.

SILVA, K., S.; LOPES A. S.; SILVA, F. M. Comportamentos sedentários associados ao excesso de peso corporal. **Rev Bras Educ Fis Esp.**; v. 21 n. 2: p. 135-141, 2007.

SIRKIS, A., O desafio ecológico das cidade. In: **MEIO ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Alfredo Sirkis, André Trigueiro, Aspásia Camargo. 2.ed. -. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SOUZA, F. A. M. de. **Os axiomas do marketink**: Sao Paulo: Makron, 1998.

SOUZA, A. S., et al. **A Obsolescência Planejada: Uma reflexão frente aos problemas socioambientais do planeta**. Foz do Iguaçu: XXVII Encontro nacional de engenharia de produção, 2007.

SIAULYS, M., O., C., **Brincar para todos**. Sao Paulo: Lamara, 2005.

TOLEDO, E., VELARDI M., NISTA-PICCOLO, V. L. Como ensinar esses conteúdos nas aulas de Educação Física? IN: MOREIRA, E. C., NISTA-PICCOLO (orgs.). **O quê e como ensinar Educação Física na Escola**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

TOLOCKA, R. E., , Horita, K. Y., OLIVEIRA, C. de O., COELHO, V. A. C. SANTOS, C. C. Como brincar pode auxiliar no desenvolvimento de crianças pré-escolares. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2009.

TOZONI-REIS, M., F., de C., **Educação ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. Campinas, Autores Associados, 2008.

TRAVASSOS, E.,G., **A prática da educação ambiental nas escolas**. 2.ed. -. Porto Alegre: Mediação, 2004.

TRIGUEIRO, A. Meio ambiente na idade média. In: **MEIO ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Alfredo Sirkis, André Trigueiro, Aspásia Camargo. 2.ed. -. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURRA, J.M.T. Complexidade e Meio Ambiente: um estudo sobre a contribuição de Edgar Morin. In: PADUA, E.M.M. de e MATALLO JUNIOR, H. **Ciências Sociais, Complexidade e Meio Ambiente: interfaces e desafios**. Campinas/SP: Papyrus, 2008.

VYGOTSKY. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

9 APÊNDICES E ANEXOS



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO (Anexo 1)

Goiânia, 08 de novembro de 2011.

Para: CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação)

Prezado(a) Senhor(a)

O aluno Alexandre Magno Guimarães, regularmente matriculado no curso de Mestrado em Educação Física da UFTM, no 2º semestre, portador do Registro Acadêmico 5551160, o qual exige a elaboração de um trabalho acadêmico-científico, no caso uma Dissertação, para sua aprovação no final do curso. O trabalho compreende uma pesquisa tendo como finalidade identificar os saberes e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física com relação às mudanças no Meio Ambiente a partir do componente curricular Educação Física na Educação Básica. Para alcançarmos nossas metas necessitamos realizar uma entrevista com os professores de Educação Física do CEPAE.

Deste modo, solicitamos a autorização para que o discente possa efetivar sua pesquisa, realizando a entrevista juntamente com os professores de Educação Física desta instituição.

Agradecemos a colaboração no sentido de cumprirmos nosso estudo e nos colocamos a disposição para qualquer esclarecimento, renovando as nossas saudações acadêmicas.

Msd. Alexandre Magno Guimarães
Responsável pela pesquisa.

Profº. Drº. Wagner Wey Moreira
Orientador da pesquisa

Profª Ms. Lusirene Costa Bezerra Duckur
Coordenadora da Educação Física

Profª. Drª Maria José Oliveira de Faria Almeida
Diretora do CEPAE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

(Anexo 2)

Protocolo N. 2242

Título: EDUCAÇÃO FÍSICA E MEIO AMBIENTE – OS SABERES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CEPAE-UFG

Orientador: Wagner Wey Moreira

Situação: Aprovado



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

TERMO DE ESCLARECIMENTO (Anexo 3)

Título do Projeto:

**MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo “MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”, por ter formação em Educação Física e ser professor da educação básica, requisitos necessários para a pesquisa. Os avanços na área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é estudar as relações dos temas brincar, meio ambiente e educação física e caso você participe, será necessário realizar uma entrevista que será gravada e depois transcrita para discussão e análise. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO.

Título do Projeto:

**MEIO AMBIENTE E BRINCAR – OS SABERES DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eu, (*nome do voluntário*), li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Goiânia,/...../.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Documento de Identidade

Msd. Alexandre Magno Guimarães
Responsável pela pesquisa.

Prof.º Dr.º. Wagner Wey Moreira
Orientador da pesquisa

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ético em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3318-5854.

IMPORTANTÍSSIMO: SEGUNDO DETERMINAÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA, OS PESQUISADORES E OS SUJEITOS DA PESQUISA DEVERÃO RUBRICAR TODAS AS PÁGINAS DO TERMO (APÓS A COLETA DE DADOS). UMA VIA DO TERMO DEVERÁ SER ENTREGUE AOS SUJEITOS.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA (Apêndice)

- 1) Para você, quais os sentidos e o que significa brincar na vida da criança e do adolescente?
- 2) Para você, quais os sentidos e o que significa o tema meio ambiente?
- 3) Para você, o brincar das crianças e adolescentes tem sido alterado em função das modificações ambientais da sociedade atual? Sim? Não? Por quê?
- 4) O conteúdo/conhecimento brincar deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?
- 5) O tema meio ambiente deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Transcrição das entrevistas (Na íntegra)

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA (Perguntas)

- 1) Para você, quais os sentidos e o que significa brincar na vida da criança e do adolescente?
- 2) Para você, quais os sentidos e o que significa o tema meio ambiente?
- 3) Para você, o brincar das crianças e adolescentes tem sido alterado em função das modificações ambientais da sociedade atual? Sim? Não? Por quê?
- 4) O conteúdo/conhecimento brincar deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?
- 5) O tema meio ambiente deve estar presente nas aulas da EF no Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê?

Sujeito 1:

Resposta 1: O brincar é muito importante. Por tudo o que eu já li dos outros autores, na especialização, no mestrado eu cheguei a conclusão, agora madura né, já depois de tantos anos tranquilos, que o brincar, é no brincar que a criança vai construindo seus conceitos e significados da vida, com os objetos, com a mãe, com os parentes, com a família. É no brincar que ela olha para os objetos, joga ele de um lado para o outro. Quando ainda não sabe nem falar é no brincar quando ele estiver mais... maior um pouquinho, ela vai utilizar os objetos e fazer o faz-de-conta, a fantasia que aquele cavalinho de pau é um cavalo de verdade, pra ela cavalgar, e aí a imaginação o pensamento dela vai construindo estações, ou pontos não sei, pra fazer as conexões. Essas conexões é que ela transfere pra sua vida real. Então a criança, do primeiro até os cinco anos ela tá fazendo relações, ressignificando o brincar. Ali pra ela é tudo, parece que é brincar, mas, pra ela é o concreto, é o real ali, né. Então, pra criança infantil, na fase infantil, é mais importante ela está aprendendo o que é o objeto, a cor da tampinha, a cor da latinha, o que... que é um triângulo, quando a mãe fala do cin..., do primeiro ao cinco anos ela não tá entendendo nada ela vai construindo, construindo os tijolinhos lá dentro da cabecinha dela

pra depois aprender quais são esses significados e quando ele entra na adolescência... maiorzinho um pouquinho. Dos sete aos doze anos o brincar é uma válvula de escape pra ele de tudo aquilo que ele ainda não sabe, os conceitos ficaram ainda mais complexos dos nove, oito, dez anos. As brincadeiras que ele vai brincar: de mamãe dá mamadeira, de pique esconde, pique ladrão, ele vai fazer essas conexões, aumentando os conceitos que agora são mais complexos. Dos doze pra frente, que é uma adolescência mais intrigante a mais difícil, ele ainda tem a necessidade do brincar ele ainda não consegue se adaptar ao mundo do adulto, ele não sabe um monte de coisa, ele está com muito mais dúvida do que são as coisas, as relações, a sociedade com tudo aquilo que ele não entende, dos doze aos dezesseis anos haja paciência pra aguentar essa criança brincando, que ainda é muito imatura né, e que eu vi, que eu estudei muito na minha faculdade aqui de Goiânia, estudei muito... Piaget falava dessas transferências. Quando eu vim trabalhar no Cepae, usa-se uma outra metodologia, que é um outro referencial teórico é baseado em Vygotsky. E ele fala que o brincar também é a mesma coisa, fazer essas transferências, essas relações sociais. Então eu tive muito conflito porque eu tinha conceitos da “motocerianas” (não entendi) “do Vigo” do Piaget e depois foram desconstruídos né, aquele embate todo aqui da UFG pelo vigotskiano, mas hoje tranquilamente, em todas as faixas etárias até, eu trabalho agora com terceira idade, o brincar é excelente pras pessoas que não tiveram oportunidade de fazer na época certa, elas já é... construíram todo o seu conceito, já passaram pela vida toda, tão com sessenta, setenta anos, mas tem uma necessidade enorme do brincar. Isso que a gente vê quando você fica mais maduro. “você a” Acompanhei turmas de zero a cinco anos, acompanhei depois adolescentes, jovens e agora adultos, que eu estou trabalhando com adultos. Você vê que precisa sempre na sua vida toda, eu não sei se depois da morte nós vamos brincar bastante, mas, precisa sempre. O brincar é essencial nas construções nas relações pessoais.

Resposta 2: Essa é a polêmica né. O pessoal acha que meio ambiente é só tratar do lixo, é só tratar da fumaça, da poluição. Não sei o que meio ambiente interfere mais ainda. Nós vamos usar um conceito mais amplo, ainda pelo menos o que eu li até hoje, o que eu entendi meio ambiente, são tudo aquilo

que interfere na sua vida atual e fatos anteriores. Que você vai preservar não só o ar que você respira, o lixo que você utiliza, a água que você está usando e bebendo, e hoje em dia o pessoal está numa recessão danada porque paga água e energia, tá caríssimo, então por causa disso estamos com tanta preocupações com o nosso meio ambiente, sem falar no ar terrível que nós estamos respirando, e aqui no Goiás é mais ainda pela poeira né. Se viu que não tem chuva né. Meio ambiente é tudo isso que é o concreto mais as relações dos homens com esse lugar onde nós estamos. É o nosso carro que faz poluição né, não é só nós que fazemos poluição a poluição visual que nós temos demais agora, então é tudo isso juntando. Porque antigamente as pessoas preocupava só em preservar ah.... os rios, as margens de um lado de outro. Eu aprendi, em uma dessas conferências com o pessoal da geografia, que nós estamos mais ainda preocupado é com a atmosfera, com o planeta terra inteiro, e aquilo que vai acima deles, algumas camadas, porque o pessoal tá preocupado já com o lixo que estão fazendo no...no espaço. Então nós temos que tomar conta do lixo da nossa casa, do lixo da nossa cidade, do lixo da nossa terra. Então nós temos que tomar conta da nossa terra, pra não poluir o meu quintal, o quarteirão onde eu moro, a cidade onde eu moro, a terra onde eu moro, então, meio ambiente são todas essas relações, o meio onde nós vivemos, e até a poluição dos nossos pensamentos. Estava lendo semana passada, um livro muito interessante e que ele é era um livro mais das da espiritualidade, falando que os pensamentos que nós temos nós poluímos a nossa atmosfera. Você imagina, né, se essas pessoas que estão em guerras naquele local não só a poluição das bombas dos efeitos que estão lá mais dos pensamentos também, então eu acredito muito nisso. Eu tenho uma coisa, nós temos que estarmos preocupados. Há vinte anos atrás, a quarenta anos atrás, meu avô, minha mãe, não tinha essas preocupações tantas que nós temos hoje nós não vamos respirar por muito tempo nesse...nesse...nessa camada aqui não. Então o aquecimento global, a sujeira e tudo o que tá aí, com esse tanto de pessoas no mundo nós temos que saber se nossa água vai dar pra todo mundo beber se a quantidade de alimento que nós estamos produzindo vai dar pra todo mundo comer, então é muito preocupante. Então todos tem que estar gastando o menos de papel possível né, mas não deixar de escrever que eu fico com uma preocupação muito grande que o pessoal tá muito no

computador e não escreve. Então o nosso meio ambiente é tudo isso e mais um pouco gastar o menos possível apenas o necessário pra que não falte no futuro.

Resposta 3: Na sociedade atual as crianças e os adolescentes sofrem muito, porque a anos atrás, a mãe tomava conta dessa criança e brincava com ela no quintal, fazia suas seus conceitos, aprendia, acompanhava. Só que com as mudanças sociais a mulher saiu pro tempo de trabalho fora. Ela já não brinca e os avós dela já não brinca com essa criança que está pequena. Ela é criada num ambiente menor, geralmente de apartamentos e condomínios que já tem a sua estrutura já modificada para o brincar. A criança, antes, ela tinha todo o quintal, uma chácara... a rua pra poder andar tranquilamente. Hoje não se anda mais na rua, não deixa a criança de jeito nenhum porque senão rouba a menina. E a criança mudou os seus hábitos de brincar, agora ela é restrita ao espaço menor, aquela parquinho pequenininho com poucas hã (rs) poucas alternativas pra ela fazer ali dentro, que é uma escadinha, um escorregador, um balancinho, tudo pequenininho porque os maiorizinhos não podem usar aquele espaço, então.. porque senão quebra né. E o espaço é muito pequeno, muito reduzido, são poucas famílias que tem um condomínio fechado, “aberto” com casas com piscina, com quadra, com pista, esses são os de luxo, pode contar nos dedos, um dois ou três. O restante, as crianças que estão na favela, elas não brincam mais na rua, ficam é chutando uma latinha se reduzindo ao futebol, pouca coisa de lazer ali tem né, e o meio ambiente tá tudo ali junto né. Você vê que a criança ficou... cada vez os automa... automóveis ocuparam as ruas, os ônibus passam por cima das crianças então os meninos de favela vão subir onde, pra laje, começa a subir um em cima do outro e os barracos começa a cair né, quando muito fazer uma pipa e olha que ele toma um choque e tanto, ou então, é mordido pelo cachorro quando a pipa cai no quintal do vizinho. Então todas essas, poderia citar mil histórias que as crianças que vive em cidades são restrita o espaço e as brincadeiras delas, e as crianças que vivem nas cidades do interior, eu dou apoio e assessoria em cidades do interior, cidades do interior a vida é mais calma, tudo é lennnnto, a criança vem lááááá a cavalo. Você vê, já vem a cavalo andando uma hora pra chegar na escola. A escola do interior ela tem um espaço enorme coisa que nós não

temos aqui em Goiânia. Então tem uma série de opções que você pode fazer a criança, sobe em árvore, a criança corre e anda a cavalo, ela nada no lago ou nada no rio, ela tem essa liberdade de ir. A criança e o adolescente que está em Goiânia já não tem essa liberdade de ir.

Resposta 4: Eu sou professora de educação física e trabalhei muitos anos, mais no ensino fundamental e trabalhei nas creches também. Com certeza é o sim. A criança que chega pra nós no ensino fundamental, as vezes com seis sete anos, ela não teve experiência alguma, ela foi criada dentro do apartamento com a mãe, com a vó, sem sair na rua. A mãe e vó trabalhando o dia inteiro. Então a criança tem sim que brincar, subir, descer, rolar, trepar, como igual aquelas aulas de antigamente de educação física (rs). Em todo, o máximo de experiências possíveis. E antes também já dei aula de zero a cinco anos, se possível dar oportunidades de manipular, de ver, de falar as cores, a criança de um a cinco anos não entende as cores ainda, não entende o nome dos objetos, você vai brincando com ela. Só que esse ensino de um a cinco anos, você tem que ter um espaço limpo higienizado, os brinquedos limpo todos os dias. Não é aquele depósito de crianças que põem lá e aquela sujeira e aquelas crianças ficam só naquele pátio. Lá não... não, tem que ser com a pedagoga, uma professora de educação física, outros profissionais de formação qualificada, de preferência. Porque aqui em Goiânia nós temos muito, eu to falando porque é a realidade que eu conheço, nós temos muitas ainda que ainda não são nem formadas a nível do ensino médio, como deixar uma criança pra brincar dessas várias coisas esses vários objetos a boneca o cavalinho o escorregador o o boliche as bolinhas coloridas as bolinhas de gude, que é um perigo engolir, como deixar essa criança de um a cinco anos de sete até oito anos com uma pessoa que não tem sua própria formação. Se não sabe cuidar, se se gritando com as crianças, se fica jogando os meninos pó lado de lá, então me preocupo muito hoje. Eu sei, não tem como a mãe ir trabalhar e não deixar a criança na creche, na escola. Tem que ter, tem que ter creche sete da manha às cinco da tarde e saber quais os profissionais que estão lidando com esse conteúdo/conhecimento. Esses autores, não sei, talvez seja um pouco...pouca inteligência minha, eu ainda não dou conta de diferenciar algumas coisas que os autores falam, pra mim, eu que estou vinda

da escola, pra mim é a mesma coisa. Quando eu falo o brincar é tudo quando, eu falo o conhecimento/conteúdo é tudo na educação física, ainda não dou conta de dividir muito bem essas, se me desculpe aí. E depois quando ele passa pra adolescência é importantíssimo tá aprofundando esse conteúdo. Se a criança brincou de boliche na primeira fase chega lá aos doze treze anos se pode complicar o jogo, você muda as regras, estrutura um pouco mais, aprofundando nesse conhecimento. Quando ele chegar aos quinze dezesseis vem outro, por isso que é bom mudar os professores, acho fundamental isso, um outro professor que aprofunde mais esse boliche, esse jogar bolinha dentro de uma argola, acertar uma bolinha, acertar um pino, porque ele vai estar construindo em forma espiralizada esse conteúdo. Ele vai lá trás volta, e vai aqui no meio volta, você vai complicando os conhecimentos dele falando, olha isso é assim, assim, assim, e o professor tomar cuidado pra não dar muita informações porque, mesmo o adolescente não capta muitas informações não. De doze aos treze anos porque senão fica enfadonho e muito chato, e se torna-se chato a brincadeira desiste, então tem que ter essa coerência com as fases de aprendizado. O que que ele sabe, o que que ele não sabe, e volta nesse conhecimento aprofundando. E o conteúdo da educação física é tão importante quanto os outros não é só o brincar. Como a educação física é uma disciplina razoavelmente nova, poucas pessoas ainda tem esse esclarecimento do que seja o conteúdo o conhecimento. Jogar uma bolinha ou pegar por exemplo o arco de um bambolê, quando você coloca o dedo indicador é uma técnica, ele vai e volta, então você tem que saber onde colocar cada coisinha e ir explicando. É difícil pra quem não entende a educação física saber disso um pouco.

Resposta 5: Sim. O meio ambiente deve ser discutido em toda as disciplinas quando houver oportunidade. Quando eu falo assim: “vou brincar a barata diz que tem sete saias de filó” eu explico a brincadeira, eu brinco, eu canto depois. Quando no final da aula eu sento e falo: “ gente vocês viram, o que é a barata? o que ela faz? o que ela transmite? oralmente mesmo. Pros meus meninos de cinco seis anos, quando eu falo sobre isso, ahh nós devemos matar a barata?, jogar remédio? que tipo de remédio? ele pode fazer mau ao ser inalado né! é a mesma coisa da dengue você fala da dengue, o que que é o mosquitinho,

brincou de pique da dengue, o menino pegou, e depois fala do lixo, fala porque que deve ser retirado, o lixo que causa os mosquitos, causa a barata, causa o rato, então você deve falar sobre essas coisas com a criança mesmo desde pequenininha e ir aumentando o grau de dificuldade de complexidade pra eles. Quando eu faço essas brincadeiras do ratinho, do gatinho, eu que o gato corre atrás do rato e o rato corre mais, o gato é um animal que persegue o rato, está dentro de uma cadeia alimentar. Nós não vamos pegar o rato porque ele causa doença, ele anda no esgoto, então onde ele passa ele deixa suas patinha, “dele” todos os micróbios. A baratinha, o mosquito, a formiga, e depois você em contato com a comida você vai ingerir aquilo ali você vai passar mal, então você vai falando sobre o lixo, sobre os animais, sobre o oxigênio, sobre o carro que esta poluindo nosso ar, a medida que surgir oportunidades. Você não vai rasgar todo o lixo e deixar na quadra, nós estamos rasgando o lixo, o jornal, brincando com ele manipulando fazendo bolinha, terminou junta tudo vamos colocar na lixeira. A medida do possível, todo o professor tem que ter essa visão ampla de falar sobre o meio ambiente assim, como alguns anos atrás, uns vinte anos atrás em Goiânia, falava-se sobre o ensino religioso, todo o professor na medida do possível tinha que falar sobre o ensino religioso, sobre a solidariedade, de ser fraterno, de deixar o colega jogar não só você jogar né. “de você”. Quando tiver uma pessoa com dificuldade na sala nós fazemos uma campanha de pra poder ajudar essa pessoa. Se faleceu a mãe o pai a gente entrega no envelope uma certa quantia em dinheiro pra pode ajudar sem deixar se outras pessoas perceberem que estamos fazendo isso. Corrigir mais sem humilhar o outro, sem deixar que o outro fique constrangido naquela situação. A mesma coisa quando aconteceu com o ensino do transito, isso já foi mais recente, vai atravessar na faixa, respeitar o sinal. Todos esses temas transversais tem que ser feito, inclusive, eu fiz uma brincadeira uma vez de um trenzinho que parava quando a cancela baixava deixava os pedestres passar então, os aluninhos na quadra fazia o trenzinho, dois alunos era a trave e baixava, dois alunos levantava deixava passar e assim por diante. Aí tinha o caminhãozinho, tinha outro, eles fazendo a centopéia lá com tudo em seguida. O professor em que ter criatividade de proporcionar situações referentes ao meio ambiente, assim como fizemos com o ensino religioso, assim como fizemos com o transito, como fizemos, por exemplo, uma campanha que teve

na época, “ muita”... uma menina que foi jogada pelo pela janela, então tudo o que acontece na televisão ou no jornal que seja motivo de fazer uma atividade na educação física com aquilo você tem a oportunidade de fazer, e parar sentar todo mundo num circulo e conversar, o mais difícil é eles parar pra conversar porque eles não cala a boquinha né, então fica mais difícil, mas tanto o meio ambiente pode estar incluído em todos os ciclos da educação física, o professor proporcionar atividades na medida do possível para cada faixa etária. Ele tem que se instruído, tem que tá sempre ligado nas coisas com o que acontece pra poder fazer esses ganchos, por isso que o professor tem que tá sempre estudando e atualizando.

Sujeito 2:

Resposta 1: *Bom. Ah... o brincar pra criança e pro adolescente significa um processo, uma forma de exercitar a vida, ou melhor, começa ah ah imitar, num diria imitar, mas assumir papéis e funções semelhante aquela do adulto, não no sentido das função, do papel, mas simular essas situações da vida adulta. Ou seja, pra mim, a brincadeira ela tem uma das característica é imita a realidade ou de certa forma simular criar mas, assim a partir das experiências vividas então assim ela é muito importante. Do...do meu ponto de vista pro desenvolvimento infantil ela é essencial da vida humana.*

Resposta 2: *Meio ambiente é aquilo que abrange todo o espaço que a gente vive tanto do ponto de vista biológico social tecnológico. Tudo o que tá na sociedade engloba o meio ambiente, né. Então é assim, vejo, embora na atualidade tenha uma discussão muito forte ligada, “ao me”, relacionada ao meio ambiente e a questão da sustentabilidade e da preservação daquilo que a gente tem, principalmente do daquilo que dá condição da sobrevivência humana, pra além da tecnologia, mais como a questão ambiental. mesmo do ponto de vista biológico da sustentabilidade de água de vegetação. Então é talvez assim, no momento a discussão forte seja muito forte nisso, mais eu vejo o meio ambiente no sentido mais amplo assim tudo que abrange a humanidade aquilo que a gente tá envolvido tá no meio ambiente né.*

Resposta 3: *Se o brincar da criança tem sido alterado? Sim, sim e porque a própria organização social ela termina determinando se a criança brinca. Ééé de certa forma reproduzindo ou imitando a realidade, a mudança na sociedade ela interfere de forma direta e objetiva nessas, nessa... nessa forma de simular essa realidade né, que é a brincadeira, e aí, se a gente pega do ponto de vista mais mais específico é... basta lembrar das brincadeiras populares por exemplo aquelas que brincava na rua, hoje não se brinca mais na rua embora eventualmente até sempre faça alguma brincadeira mas, em outros espaço que não a rua, porque a rua ela tem uma outra função. Não dá mais pra criança fazer isso, então sem sombra de dúvida a ah ah brincadeira ela muda muito*

com a mudança da sociedade, porque até porque pra mim a brincadeira ela tem a ver com a forma que a sociedade tá organizada.

Resposta 4: Bom, penso que o brincar tem que sim que estar presente. Agora eu particularmente penso assim, que o jogo da brincadeira ela é mais do que o ato de brincar, então enquanto o brincar é possível principalmente nas séries iniciais. Você ter alguns momentos na aula que abra essa possibilidade não no trato do jogo ou da brincadeira no sentido de um conhecimento acumulado, “é acontecer” então você abre um espaço pra que haja nesse sim a brincadeira. Agora o espaço da escola pra mim, a centralidade não ãã o brincar em si ele é secundário a centralidade é o trato com o conhecimento aí na perspectiva de você tratar o jogo a brincadeira enquanto um conhecimento que vem sendo construído ou que vem éé pela humanidade. Sem sombra de dúvida ele é necessário, até porque pra se conhecer ou pra você da condição pro aluno compreender melhor o mundo que ele vive no momento ao entender como era organizado esse mundo. Viver a atualidade e perspectivar futuro. Então a brincadeira o jogo ele ele é muito importante nesse processo de compreensão da sociedade porque no jogo na brincadeira ali tão expresso os valores então penso que é muito importante.

Resposta 5: Do meu ponto de vista tem que tá presente sim, até porque se o meio ambiente é o espaço inclusive que o homem vive e convive, e então assim, e a escola tem como centralidade conhecer o mundo ou entender o mundo que vive pra intervir nele, então, sem sombra de dúvida, o meio ambiente tem que tá, passa assim, ele tem que tá presente na discussão da escola. E aí, não é porque é uma disciplina como a educação física, por exemplo, que no talvez a centralidade ou que tenha outros conhecimento que a gente coloca assim da área conhecimento x que o meio ambiente tá fora, pelo contrário, acho que o meio ambiente é uma discussão que ela tem que ser trazida cotidianamente pra todas as disciplina. Ela não tem que ficar a critério de uma única disciplina, mas de todo o mundo. Meio ambiente, o que que é meio o ambiente, até mesmo se você pega pra fazer determinadas atividades, como é que se movimenta, como é que vem a questão da resposta do corpo do

ponto de vista biológico, mesmo de respiração. Então tudo tem a ver inclusive com a questão do ar, qualidade do ar, a questão da temperatura então assim, mesmo o meio ambiente do ponto de vista mais da formação da terra ele interfere diretamente. Então se você tá trabalhando na escola e trabalhando com o conhecimento é, penso que, na verdade é assim, acredito que obrigatoriamente essa questão precisa ser discutida e ela precisa fazer parte dos rols e conhecimento a ser tratado.

Sujeito 3:

Resposta 1: *Brincar é uma necessidade socio-histórica-cultural que cumpre diversas funções em termos nos termos da vida do sujeito desde o infante até o adolescente. Funções de socialização, de cognição, de desenvolvimento da afetividade, da sua própria sociabilidade na esfera humana, de apreensão de conceitos, de ressignificação desses mesmos conceitos, de desenvolvimento físico, motor, e que promove na criança, não despertar mas, o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, físicas, biológicas e sociais dentro de uma dentro da sua vida concreta, dentro de suas possibilidades socializadores que o jogo e o brincar promove.*

Resposta 2: *Meio ambiente é onde está localizado determinado sujeito em espaço de tempo histórico em uma certa conjuntura socioeconômica produtiva do ser humano. E é nesse meio ambiente que se desenvolverá desenvolvera a sua mediação com o mundo externo e a construção inclusive da sua subjetividade. É um, meio ambiente é um dado objetivo, se é um dado objetivo todo sujeito perpassa esse meio ambiente consolida seus sentidos e significados dentro de determinado projeto de sociedade, visão de homem e de mundo e é nessa perspectiva se coloca a mediação dos sujeito ser humano com o meio ambiente, dentro de uma perspectiva que pode ser emancipatória, perspectiva da perpetuação da existência humana de maneira equilibrada, de maneira fraterna, de maneira onde ele possa desenvolver valores que culminem na preservação deste meio ambiente em relação e em confronto com um certo projeto histórico de sociedade que deteriora o meio ambiente. Significa o modo de produção hegemônico capitalista se contrapondo a esse modelo se produz uma outra possibilidade societária a esse sujeito e a sua convivência com esse meio ambiente né, se é socialismo ou se é comunismo ou se é um projeto emancipador de sociedade. É história, o envolvimento das mediações que esse sujeito fará que dará o sentido de vida a esse sujeito ao meio ambiente. Basicamente é isso.*

Resposta 3: *Sim. O próprio desenvolvimento societário com base na tecnocracia trouxe um novo modos operante de ser do ser humano, e do*

próprio brincar. Entender brincar dentro de uma perspectiva de criação socio-histórica a conjuntura de uma sociedade moderna propriamente do século 21 trouxe uma rede de brincar com sentido e significados diferentes. Hoje, a digitalização dos jogos podemos dizer que é uma prevalência dos atos de brincar provocando essa prevalência provoca também uma discussão a cerca do imobilismo do próprio brincar. O aspecto sócio motor do brincar é... se consolida de uma maneira diferente alguns podem dizer que precariza o aspecto sócio motor. O que eu posso dizer no momento é que há uma possibilidade de interação e mediação dentro de um aspecto conjuntural diferente e que pode potencializar aprendizagens e pode fortalecer e desenvolver cognições afetividade e socializações ou pode promover também né outorga de valores próprias do modo de produção do capitalista o individualismo o egoísmo a fetichização do sujeito a reificação a coisificação do humano frente a alguns jogos digitalizados frente a uma nova tecnologia do brincar que se desenvolve dentro de uma sociedade. Isso gera valores gera inquietações e gera possibilidades educativas e dentre elas uma possibilidade educativa está no meio escolar de problematização desse brincar humano.

Resposta 4: Sim. Mesmo porque o trabalho com certo “consolidamento” ou certo proximidade bem impactual do brincar e jogar. Se no brincar e jogar elementos da cultura corporal componentes de uma certa trajetória da linguagem corporal que foi sistematizada pela educação física, esses componentes se transformam em conteúdos e conhecimentos a serem apropriados pela escola, entendendo a escola enquanto espaço de apropriação do conhecimento sistematizado pela ciência e pelas diversas práticas sociais de conhecimentos que os seres humanos desenvolveram, e uma delas sem dúvida alguma é a educação física e os componentes que a educação física elege enquanto conteúdo, conteúdo da área é o brincar e o jogar né e trabalha na perspectiva do conhecer algo que se chama brincar. Conhecimentos podem ser conceituais, podem ser valorativos, podem ser procedimentais e atitudinais em relação a determinado objeto em estudo. O aluno ao brincar na escola ao desenvolver isso na aula de educação física ele tá se apropriando de um certo conhecimento se contrapondo a uma atividade fora do aspecto disciplinar como se fosse uma atividade que a gente chamava e chama atualmente de atividade

.... esqueci o termo não é um lessefer é próximo ao lessefer mais é uma atividade desconectada do projeto curricular da escola seria basicamente isso.

Resposta 5: *Sim, Entendendo a temática do meio ambiente não como uma temática exclusiva da área educação física mais que engloba uma rede de possibilidades de trabalho, juntamente com as outras disciplinas, com a possibilidade de eixos trans... eixos transversais de articulação disciplinar e transdisciplinar juntamente no currículo escolar. É uma temática contemporânea da mais importante natureza, do mais da mais discussão e debate, mesmo porque né, o nosso meio de vida o meio ambiente está sendo precarizado pela própria socialização humana, pelo modo de produção que o capital tenciona ou seja ao provocar é... os seres humanos as suas relações num certo meio ambiente nós temos que repensar sim como que a educação física, a biologia, a matemática, vai articular os seus conhecimentos para que esse ser humano, esse aluno, possa ter uma mínima apreensão desses conhecimentos em prol da sua própria emancipação relacionada ao meio ambiental que ele convive basicamente é isso.*

Sujeito 4

Resposta 1: *Bem vou trabalhar com esses dois conceitos que você coloca nessa questão que são extremamente complexos, que é o sentido e o significado. Bem penso que o sentido é a maneira como a criança e o adolescente vai perceber é a sua singularidade nesse mundo vivido com ele mesmo com o seu lugar e com o próximo, então penso que o sentido é pra isso, pra percepção desse mundo vivido consigo mesmo com o seu lugar e com o mundo. Bem o significado pra criança é porque a brincadeira ela se reverte, da segundo vigotsky, da de uma possibilidade de você imitar esse mundo e estabelecimento de regras é então basicamente seria essa a minha resposta.*

Resposta 2: *Novamente dois conceitos extremamente complexos né, o sentido e o significado, mas especificado ao meio ambiente. Começarei então pelo significado. Então eu penso que o significado do meio ambiente é o mundo natural que foi popularizado pelo homem nesse sentido, ele é o nosso mundo né, essa que engloba o mundo natural e esse mundo que foi humanizado pelo homem, então o homem subjulgou a natureza e colocou ele a sua disposição né, e a segunda questão que diz respeito ao sentido extremamente complexa essa pergunta porque tendo como referencia essa coisa do mundo humanizado é o sentido do meio ambiente é um sentido hoje preocupante. Preocupante a medida que nós vemos que lugar né esse lugar no conceito geográfico de lugar realmente ele esta sendo depredado, ele está sendo desumanizado, ele está sendo, sobretudo, colocado em cheque na medida em que há um avanço de um determinado forma de organização política social econômica que tá colocando o país que é o sistema capitalista.*

Resposta 3: *Penso que sim. Pois retomando o conceito de brincar e o sentido que ele é dado e foi muito bem colocado pelo vigotsky, que a brincadeira se faz na dialética entre a imitação do mundo adulto né e o estabelecimento de regras pra brincar (tosse) penso que a sociedade (tosse) desculpe Alexandre pode parar... desculpe aí fiquei roco. Penso que o brincar nesse novo contexto do século 21 foi profundamente modificado pela tecnologia pelas relações sociais*

pelo estabelecimento de novas formas de comunicação, em linhas gerais seria isso, no tivemos uma um profundo movimento nas tecnologias da informação e comunicação, tá certo, que propiciaram isso. Contraditoriamente esse processo se deu na contramão da nossa evolução humana. Nós temos mais violência hoje, temos fome, nos temos guerras, nos temos exclusão, marginalização, então tudo isso afetou uma maneira de brincar até mesmo como as cidades estão organizadas. Nós vemos, por exemplo, é cidades onde a intervenção do capital especulativo no meio urbano fez com que por exemplo a rua não se torne mais hoje um lugar seguro pra se brincar. Então penso que sim, nessa perspectiva sim, por tudo isso que falei anteriormente né.

Resposta 4: Sim. É... (na me) na esteira da..da minha resposta anterior éé na medida em que os espaços sociais que possibilitam o encontro das crianças que se que se possibilitam a percepção do mundo vivido está cada vez diminuído em nossa sociedade. Penso que a escola sim, deve propiciar as crianças, sobretudo no ensino fundamental essa possibilidade da brincadeira.

Resposta 5: Sim. Porque afirmo isso. Tendo como referência o significado de meio ambiente no sentido ampliado né, dá...dá percepção de mundo vivido aliado ao meio natural que o homem humanizou, sim, deve ser. A educação física deve tratar disso mas, não só a educação física e penso que toda a escola todo o currículo escolar deve tratar dessa temática, seja não mais de domínio publico exclusivo da educação física mas, também das demais disciplinas que compõe o currículo. É, mas percebo a importância da educação física em tomar frente a essa discussão.

Sujeito 5

Resposta 1: *Uma pergunta bastante complexa que exige um esforço muito grande para respondê-la. Brincar para uma criança, e eu posso responder por mim que fui criança, não posso responder por outra criança mais eu imagino que tenha a mesma os mesmos objetivos que tinha quando eu brincava. Quando eu brincava eu tentava tornar esse momento dá brincadeira, quer seja fazendo qualquer atividade, jogando bola, subindo numa árvore, brincando de pique ou qualquer outro tipo de atividade, tornar esse momento como se fosse um momento prazeroso. Que desse prazer pra mim me tirando de um momento em que é o momento, naquele momento da criança de seriedade quando na realidade esse momento da seriedade não existe porque as cobranças feita da sociedade para uma criança são muito poucas e são limitadas a obediência. É, obediência cumprir determinados, pequenos papeis mas, a criança tem uma liberdade muito grande de extravasar essa energia que ela tem, uma energia pulsante característica da idade. Ééé em momentos de atividade em que lhe desse prazer. Em que fosse nesse tempo aqui é que eu não sabia o que que é ludicidade mais hoje nós já temos um conhecimento maior a respeito disso e sabemos que são momentos em que transforma uma atividade da melhor maneira possível é numa atividade lúdica. E para o adolescente que as cobranças já são de outra natureza, mais ainda tornar essas atividades mais prazerosas, inclusive atividades que contestavam uma determinada regra social imposta ao adolescente, então o adolescente ao mesmo tempo que ele brinca diferentemente da criança ele brinca e, ao mesmo tempo com essa brincadeira ele, além de tornar um momento prazeroso lúdico ele também, com essa brincadeira, ele chega a contestar no sentido de desempenhar uma atividade em que ele faça uma marcação de posição, ele posiciona como adolescente, entendeu. Então no caso da adolescência, mais os dois momentos são momentos que se entrelaçam muito e que resumindo basicamente eu diria que é transformar essas atividades em atividades prazerosas que lhe despertavam éé fisiologicamente, ééé e fisiologicamente, emocionalmente, em todos os aspectos lhe despertavam essas esses momentos de prazer.*

Resposta 2: *Mais uma vez me reporto a situações de a situação de quase senso comum em relação a essa definição. Não conseguiria dar uma definição científica de meio ambiente mas, a definição do senso comum que eu tenho encontrado é que o meio ambiente se traduz na manifestação da natureza tudo o que tá na natureza, tudo o que ééé que se expressa por meio dessa natureza que nós conhecemos é o meio ambiente. E qual é o sentido que né tem o meio ambiente pra mim é o sentido de que há uma força maior da natureza em relação ao homem em que cada vez mais nessa força há uma luta entre o meio ambiente e inclusive do qual faz parte o homem e quando eu falo da natureza o homem está também presente, o homem, os animais estão presentes nesse nesse meio ambiente. Mas há uma hoje uma o sentido em que esse meio ambiente que ele está se tornando cada vez mais degradado pela ação intempestiva né, pela ação pela ação continua desse homem né que se traduz basicamente naquilo que nos chamamos de sistema capitalista que tem como um dos objetivos a degradação né, a destruição da natureza. Então nesse sentido o meio ambiente pra mim ele significa todas as formas de materialização dessa natureza da qual as árvores, os vegetais, os animais, o mineral, o animal etc eles estão presentes.*

Pergunta 3: *Uma pergunta fácil até de responder frente as várias modificações que inclusive a dita tecnologia tem imputado ao homem né. Posso dar exemplos categóricos do (do do) antigo futebol em que nos jogávamos numa várzea que hoje, por exemplo, praticamente essas várzeas desapareceram. Posso dar exemplo de uma criança que tinha toda uma situação de conforto subir em árvore etc etc e hoje mora segregada num apartamento, então essas modificações elas surgiram com a sociedade contemporânea, com esse processo civilizatório, que na realidade criaram novas, novas situações de brincar, novas situações, novos sentidos e significados, como a pergunta traz. Em relação a isso, novos sentidos e significados para o brincar da criança, que deslocaram esse centro, esse centro de atenção da criança para outro campo, se antes era o campo motor, campo motor, afetivo, o campo é cognitivo sociabilizador etc etc hoje ele passa para um campo é mais cognitivo não deixa de ser motor, mas cognitivo, onde a criança hoje brinca com ela mesmo ela não brinca mais numa, numa é numa espécie de socialização quer dizer não*

são todas há brinquedos e brinquedos. Mas hoje nos vemos a criança mais segregada num num nuns aparelhos midiáticos, corrigindo, não nos aparelhos midiáticos mas nos aparelhos tecnológicos em que ela simplesmente tem muito mais possibilidade de brincar com ela mesmo e com o aparelho ou com o conjunto de outras pessoas, então eu vejo que esse processo civilizatório essa tecnologia ela contribuiu para o distanciamento da criança, principalmente de uma coisa que é inerente ao ser humano que é o movimento da sua cultura corporal. Isso, isso foi talvez um grande, pra mim um grande problema que foi causado por esse processo civilizatório que , com certeza, há ganhos em outros campos no campo cognitivo no campo cognitivo a a um campo bem bem bem ganho em relação a isso mas em relação a outros processo é um campo bastante, essa pesquisa que você está fazendo eu creio que contribuirá inclusive pra que nós tenhamos mais elementos de dizer se houve perda ou se houve ganhos. No meu modo de pensar, hoje sem ler muitos trabalhos científicos a respeito disso, pra mim é notório é notório e claro que as crianças e os adolescentes perderam muito, inclusive os adultos também perderam muito com esse é processo civilizatório que trouxe outros elementos e não mais aqueles elementos que eram fundamentais no processo de sociabilização.

Resposta 4: Sim. Eu acredito que que o conteúdo ou conhecimento ou o que se tratar em termos de brincadeira deva estar sempre presentes nas aulas de educação física. Mas se falar mais propriamente em todo o processo do conhecimento do homem o homem por natureza ele tem que ter determinado tipo de prazer, determinado tipo de alegria, que somente por meio de brincadeira, quer dizer, em uma aula de matemática pode ser ensinado um determinado conteúdo por meio de uma brincadeira. Qual é o problema? na biologia, educação física, qualquer uma. O conteúdo que se chama, o que você queira chamar conteúdo/conhecimento, ele deve estar presente sempre na aula, ainda mais na aula de educação física que é uma aula que tem na especificidade e exige por exemplo que esse ambiente seja um ambiente mais acolhedor seja um ambiente agradável. Então não vejo nenhum problema né acho que isso é é bem bem tranquilo.

Resposta 5: Bom, toda aula de educação física deve estar coerente com o projeto pedagógico da escola, então, as aulas de educação física, ela não ocorre na escola do nada voluntariamente ela ocorre porque há há uma disciplina uma disciplina curricular chamada educação física e essa disciplina deve estar tendendo, deve atender melhor dizendo, atender aos objetivos propostos pelo projeto pedagógico da escola. A partir do projeto pedagógico da escola há um projeto especificamente de um grupo de professores, no nosso caso aqui no cepae temos um grupo de professores do qual nos elaboramos o projeto curricular da disciplina para que ela seja realizada durante todo ano letivo que nós chamamos plano de curso, e nesse plano de curso é que vai ficar determinado se determinados conteúdos vão entrar ou não e qual a importância desses conteúdos pra ratificação, pra segmentação deste projeto tendo em vista um projeto maior. O tema meio ambiente hoje ele é um tema muito falado devido todas essas situações que estão ocorrendo no mundo, esses vários problemas, inclusive problemas catastrófico. Então é um tema que está sendo muito moda, não necessariamente somente a educação física pode tratar esse tema há disciplinas, inclusive que tem até uma familiaridade maior com esse tema do que propriamente a educação física. Creio portanto, creio então, que a educação física pode elencar esse tema como um, o que a gente chama, de eixo né articulador né, já que temos os eixos estruturantes entendeu. Nós podemos trabalhar esse eixo como eixo articulador do conhecimento e de certa maneira fazer alguma contextualização desse tema pra que ele tenha importância na aula de educação física, porque senão vai parecer uma coisa que destoa né. As pessoas têm visões de que a educação física é uma disciplina que só trabalha com o corpo, com o exercício físico, etc etc então é necessário que ele esteja inserido né, se for o caso né, ele esteja inserido e se explique porque ele está inserido. Hoje eu vejo que como qualquer outra disciplina a educação física pode inseri-lo no seu no seu projeto pedagógico desde que explicando é a necessidade contextualizando a necessidade desse tema na disciplina. Se a gente for pegar, como eu já respondi nas perguntas anteriores, que o meio ambiente é tudo a educação física tem que explicar um pouco desse tudo ela pode não explicar tudo do tudo mais ela pode explicar alguma coisa do tudo. Talvez alguma coisa esteja relacionado a isso e você na própria pergunta anterior você relacionou isso

muito bem quando você bota assim as modificações que ocorreram no meio ambiente elas influenciaram e influenciam, se eu tô dizendo que influenciam então acho que é mais do que, é mais do que comum é mais do que tranquilo incluir o tema meio ambiente né, na disciplina de educação física e isso vai depender obviamente do projeto pedagógico da escola, do projeto curricular da disciplina e do grupo de professores que esta trabalhando sobre isso.